

ILUSTRAÇÃO

N.º 303 — 13.º ano



A alegria das praias

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tóda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA

EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

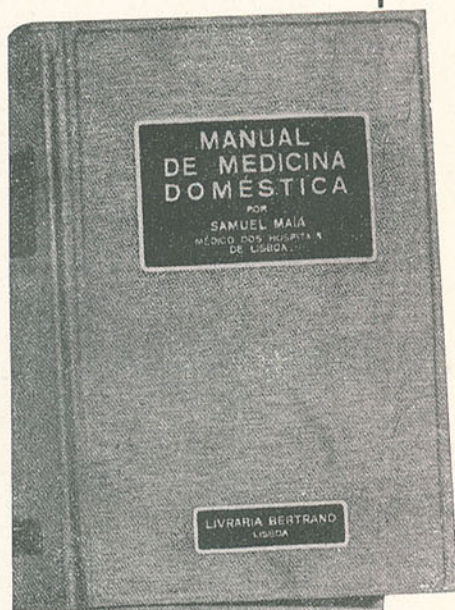
E assim, quando na **ausência de médico** por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência, ou na sua falta, como no interior e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA**, nele se encontrarão todos os conselhos, tódas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75



ILUSTRAÇÃO

Director: ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa

Administração: Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$10	64\$50	129\$00
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil	—	67\$00	134\$00
(Registada)	—	91\$00	182\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	99\$00	198\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podéis acalmar as vossas dores com o

ESPECIFICO BÉJEAN



O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**
os **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos
e todas as dores de origem artritica
Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez
da sua acção.
À venda em todas as Pharmácias
Produits **BÉJEAN** - Paris

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

GRAVADORES

IMPRESSORES

Bertrand, Irmãos, L.ª

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27
LISBOA

Estoril-Termas

Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico

PARQUE DO ESTORIL

ABERTO TODO O ANO

Banhos de água mineral e de água do mar quentes. Banhos

CARBO-GAZOSOS, Duches.

Irrigações. Pulverizações e In-

lações, etc. = = = = =

ONDAS CURTAS. DIATERMIA. Raios Ultra-violetas e Infra-vermelhos. Electricidade médica. MECANOTERÁPIA e Maçagens. = = = = =

MAÇAGISTAS ESTRANGEIROS ESPECIALIZADOS

CULTURA FÍSICA

AQUECIMENTO CENTRAL

Consulta médica das 9 às 12 — Telef. E. 402. (P. B. X.)

NOVIDADE LITERÁRIA

A RETIRADA DOS DEZ MIL

DE **XENOFONTE**

Trad. e prefacio de **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 352 págs., broch. **12\$00**

Pelo correio à cobrança **14\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UMA OBRA FORMIDÁVEL

Destimada a grande successo

UM CORAÇÃO DE OIRO

(PADRE DAMIÃO)

Por **PIERRE CROIDYS**

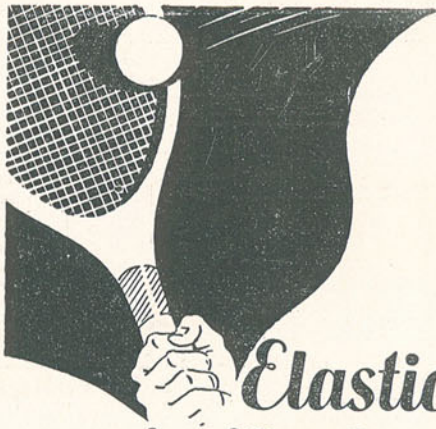
SUCCESSO DE LIVRARIA EM TODO O MUNDO

Obra admirável ao serviço da humanidade

1 vol. de 356 págs., broch. **Esc. 12\$00**

Pelo correio à cobrança **Esc. 14\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



**Elasticidade
significa bem estar**

Cabeça clara e certeza de golpe dão a vitória, tanto no jogo como na vida. Não hesite — livre-se de dores pela



Cafiaspirina
O PRODUTO DE CONFIANÇA



Venda em todas as Pharmacias

À VENDA

AGOSTINHO DE CAMPOS

Da Academia das Ciências de Lisboa

GLOSSÁRIO

DE INCERTEZAS, NOVIDADES, CURIOSIDADES DA LÍNGUA PORTUGUESA, E TAMBÉM DE ATROCIDADES DA NOSSA ESCRITA ACTUAL

1 volume brochado 15\$00
Pelo correio à cobrança 16\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

A 2.^a EDIÇÃO, CORRIGIDA

MUDANÇA DE ARES

ROMANCE

POR **SAMUEL MAIA**

1 volume brochado 12\$00
Pelo correio à cobrança 13\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

A 3.^a EDIÇÃO CORRIGIDA DA

TOPOGRAFIA PRÁTICA E AGRIMENSURA

DA BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

PELO

Coronel GUEDES VAZ

Antigo professor de Topografia

e Tenente-coronel MOUSINHO DE ALBUQUERQUE

1 vol. de 440 págs., com 281 figuras, enc. 22\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

AOS SRS. ADVOGADOS

Propriedade Literária, Científica e Artística

Decretos n.º 13.725 e 5.693 — Convenção de Berna — Adesão à Convenção de Roma — Legislação interna e duração do direito de propriedade literária nos diferentes países

Compilação e revisão do **DR. CARVALHO MAIA**
Conservador do Registo de Propriedade Literária

1 vol. de 94 págs., broch. 7\$00
Pelo correio à cobrança 8\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

À VENDA:

NOVIDADE LITERÁRIA

**ANASTÁCIO DA CUNHA,
o lente penitenciado**

(VIDA E OBRA)

POR **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 286 págs., brochado 12\$00
Pelo correio à cobrança 13\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, R. Garrett, 75 - LISBOA

PRAIAS... Vida...
Revigoramento
de energias!...

Chegou a época em

que o organismo exausto por um longo ano de fadigas procura o iodo vivificante que o mar amigo lhe dá... Resta ainda essa compensação — para os que podem aproveitar-se dela, já se vê! — que é, como quem diz um oasis a sorrir-nos, ao longe, após uma longa e extenuante jornada através do áspero Saharah desta vida.

Não devemos esquecer, no entanto, que muitos há que sofrem as tais miragens do deserto...

Mas não está na nossa mão nivelar o mundo que já de si nasceu redondo com o tal achatamento nos polos.

Aqueles que podem, façam-nos com-

A DELÍCIA DAS PRAIAS

panhia até às praias portuguesas que lhes fiquem mais ao pé da porta... O Estoril, por exemplo... É linda, é elegante, é deliciosa de ares e de sol!

Ir até à praia é reanimar os pulmões é criar vida nova... é correr as preocupações da existência a punhados de areia.

Entretanto, o mar virá cantar-nos uma linda canção que nos divertirá infinitamente mais que os guinchos insuportáveis de tantos indivíduos de ambos os sexos atacados pelo terrível mal das radiotelefonias que, desde manhã à noite, nos atordoam e ensurdecem.

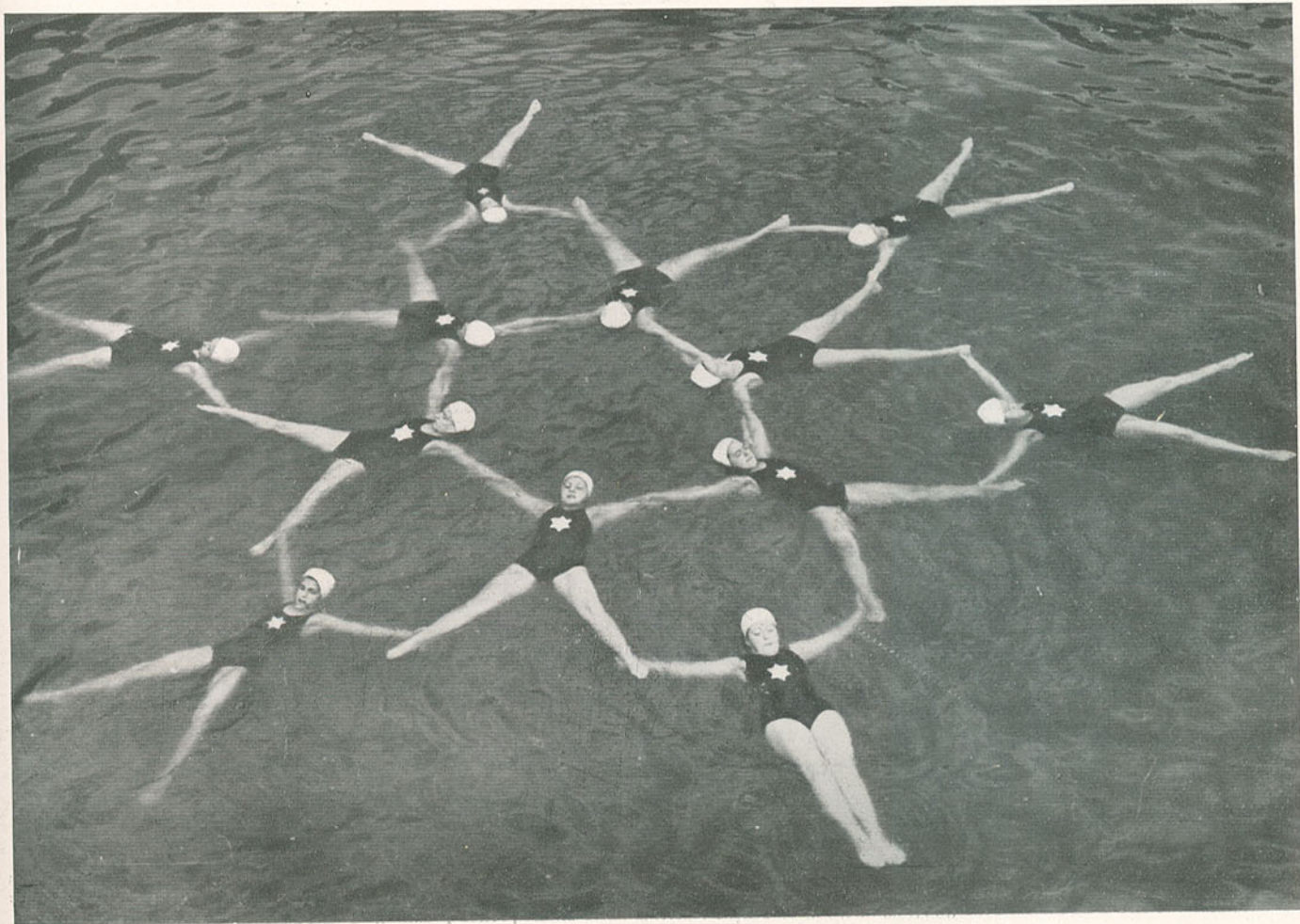
Oh! que deliciosa a canção do mar!

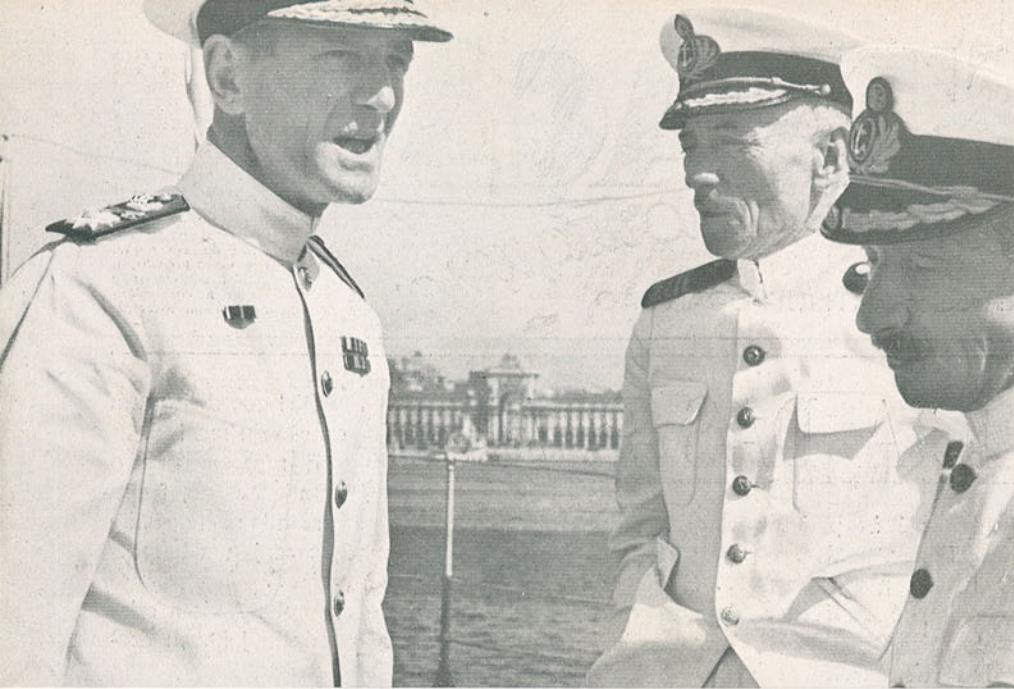
E reparem que o grande oceano, tendo

tanto que fazer, não parando nem de noite nem de dia, também arranja um bocadinho para ir até à praia...

Sigamos-lhe o exemplo. Após a criação do Mundo o próprio Jehovah descansou. Assim o diz claramente a letra insofismável do Génesis. Foram seis dias de trabalho que valeram por uma eternidade, é certo, mas também nós não somos divinos, mas simples, míseros e mesquinhos mortais...

Reparem, no entanto, que Jehovah não carecia de descanso. Se repousou ao sétimo dia foi para dar o exemplo à pobre humanidade que tão desveladamente criara.



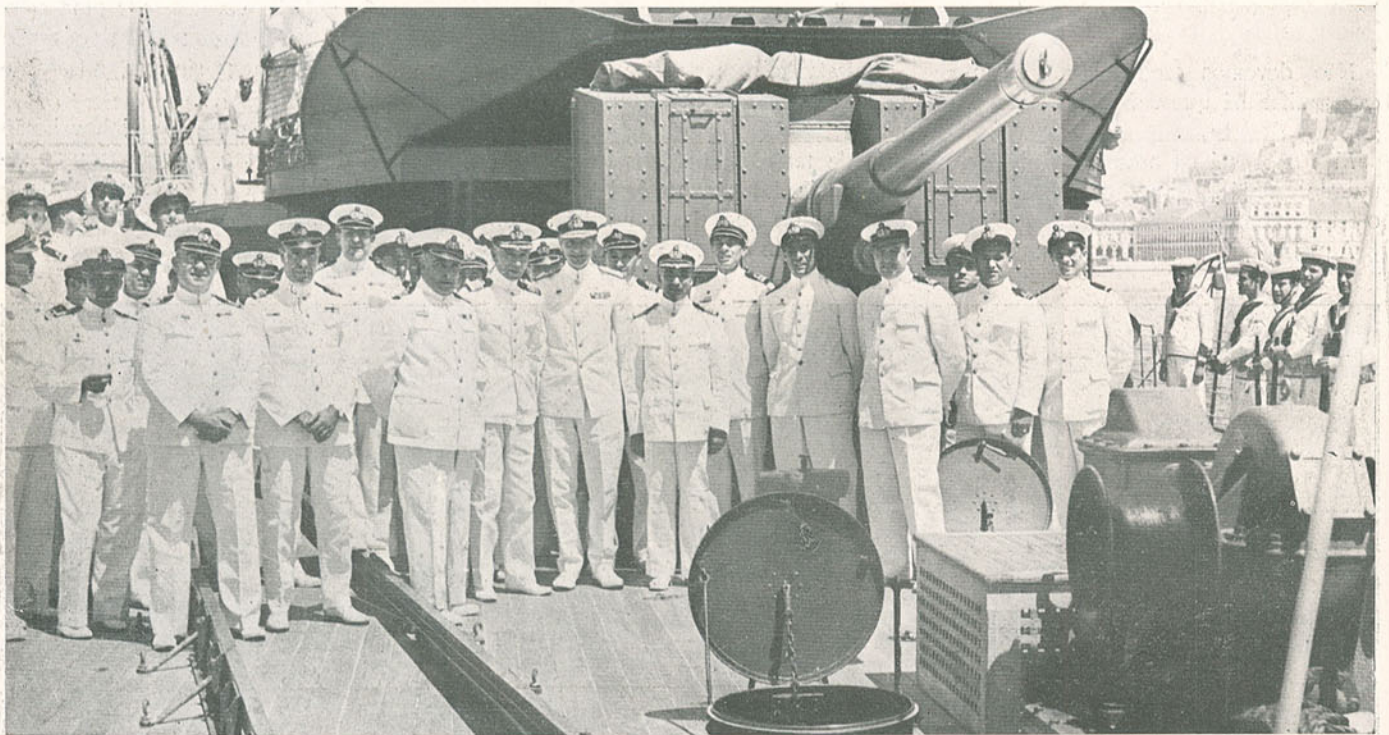


ACTUALIDADES

DA

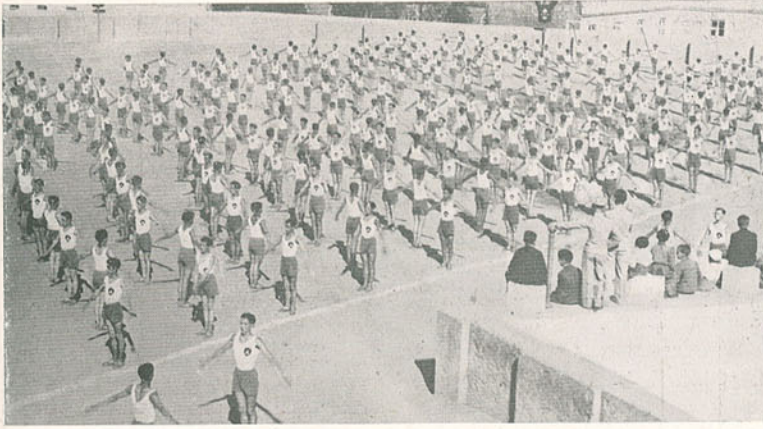
QUINZENA

O chefe da missão inglesa, almirantes Woodhouse com o sr. comodoro Botelho de Sousa e comandante Alvaro Marta, a bordo do «Douro» — Ao centro: o almirante Woodhouse com alguns dos comandos da nossa esquadra a bordo do «Bartolomeu Dias»

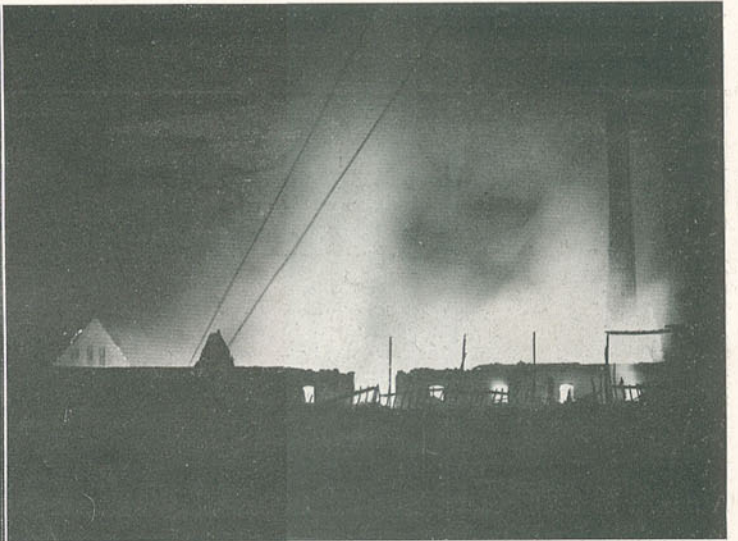
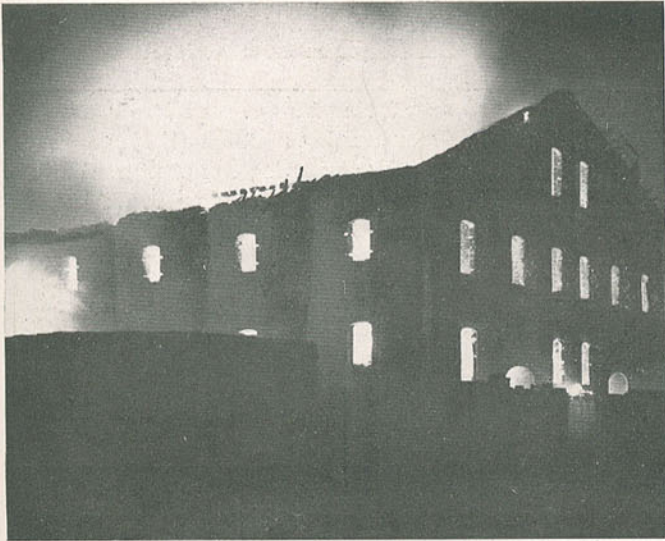


O sr. Cardial Patriarca de Lisboa no momento de subir para o avião que o conduziu a Roma em visita «ad sacra limina» ao Santo Padre. É esta a primeira vez que Sua Eminência se utiliza deste meio de transporte, o que significa que a Igreja acompanha o progresso e que não se aferra a rotinismos que envelhecem como todas as coisas. — A' direita: Os jogadores de Foot-ball da Associação Académica e a equipa mista de tennis, despedindo-se do sr. ministro da Educação Nacional antes da sua partida para Angola

NOTÍCIAS DA QUINZENA



Um aspecto dos exercícios gimnásticos no asilo D. Maria Pia a que se seguiu um desafio de basketball constituindo o programa dos festejos ali realizados. — *À direita*: o sr. director geral da Assistência com o director do Asilo e outras entidades oficiais



Um aspecto do incêndio que destruiu a Fábrica de Cerâmica de Malpique, tendo os bombeiros trabalhado denodamente durante muitas horas para dominarem a impetuosidade das chamas. A fábrica empregava cincuenta operários que ficam agora sem trabalho.

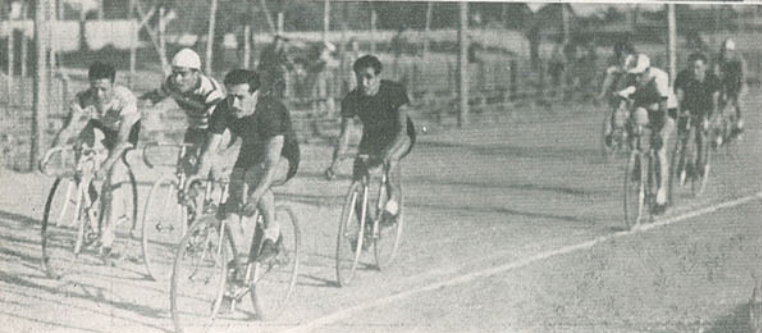
— *À direita*: outro aspecto do incêndio



O provedor da Misericórdia com os funcionários superiores na sua visita à exposição de trabalhos escolares das crianças protegidas deste benemérito estabelecimento que tanto bem espalha suavizando tanta miséria, enxugando tantas lágrimas e amparando tanta orfandade. — *À direita*: As crianças premiadas na exposição de trabalhos escolares de "A Voz do Operário", com a direcção desta instituição benemérita



ECOS DA QUINZENA



A prova das "24 horas ciclistas," foi ganha pelo "Sporting".
Em cima: figuram os vencedores Ildefonso, Trindade e Felipe de Melo. *Em baixo:* um aspecto da corrida. *À direita:* a popular vedeta Beatriz Costa disparando o "tiro," da partida. Nesta prova inscreveram-se os mais categorizados ciclistas da capital.

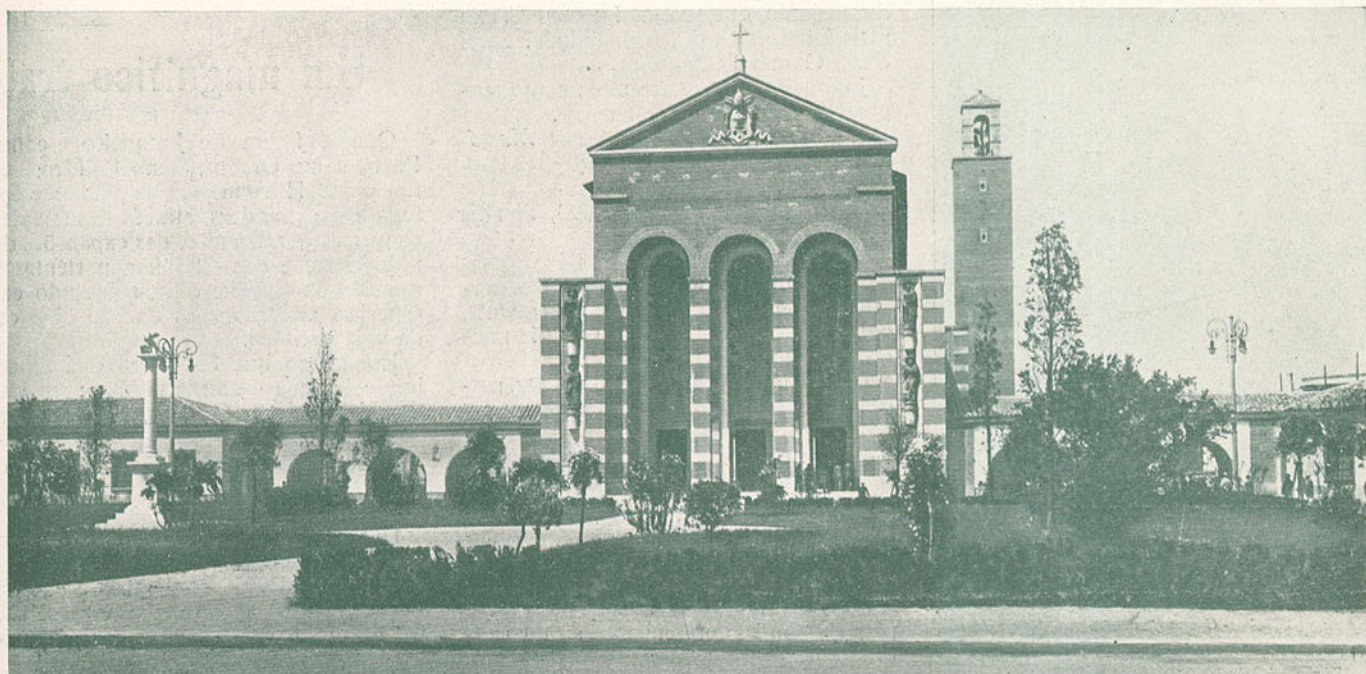


A missão florestal, chefiada pelo general Agostini, na sua visita ao sr. ministro da Itália em Lisboa. Desta missão fazem parte os srs. Aldo Tavari, professor da Universidade de Florença e o dr. Octávio Scrittore, ambos funcionários do Ministério da Agricultura e das Florestas. *A direita:* o sr. almirante major general da Armada distribuindo os prémios aos vencedores da prova "A Semana dos Submersíveis".

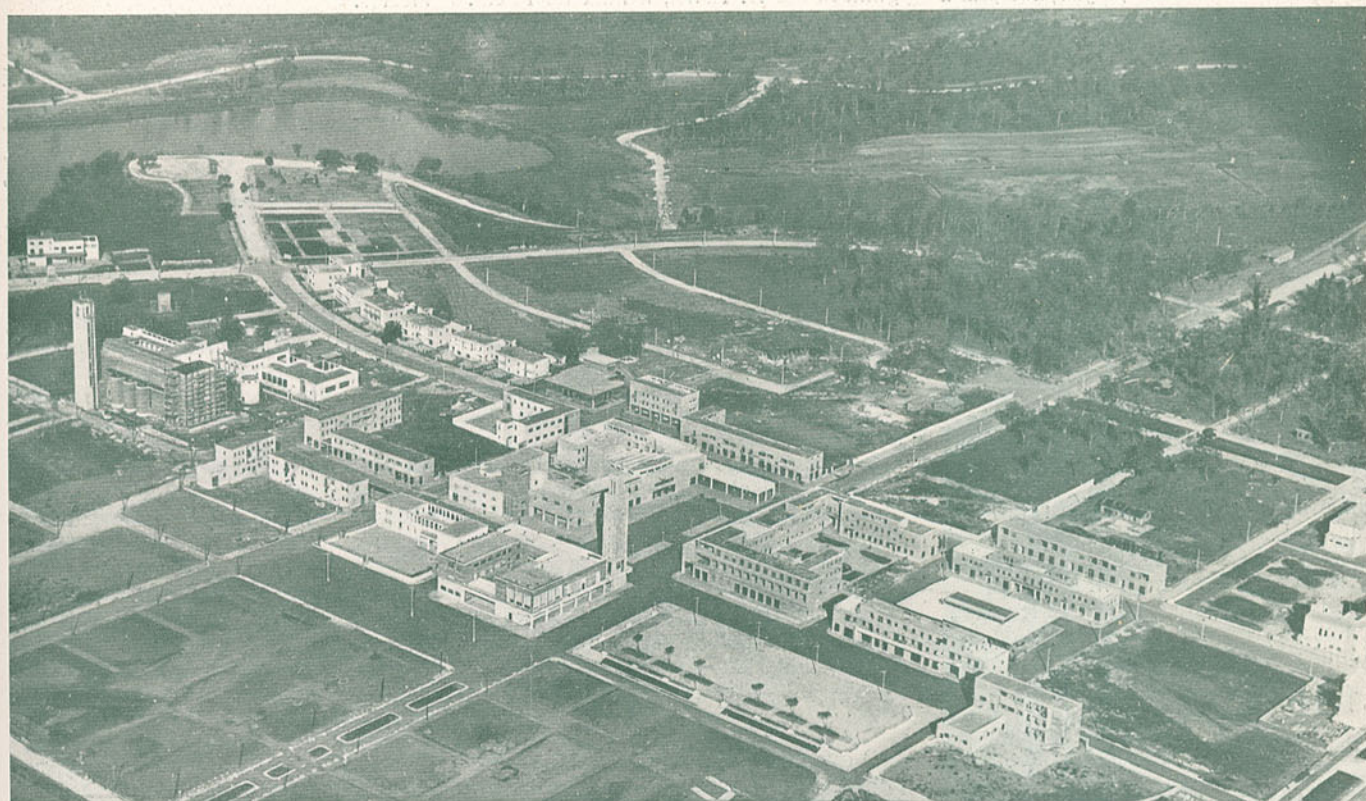


Um desolador aspecto das ruínas da maior fábrica de serração da Península, pertencente à viúva J. B. Domenech, de Barcelos, que foi totalmente destruída por um incêndio, sendo os prejuízos superiores a dois mil contos. No ataque ficaram feridos alguns bombeiros, sendo um deles acometido por uma síncope cardíaca. *À direita:* um aspecto da romagem ao túmulo do tenente-coronel João Luís de Moura, saudável governador civil de Lisboa.

O DESENVOLVIMENTO ITALIANO



Cumprindo a sua promessa: "Desaparecem os pântanos, fundam-se cidades", Mussolini fez aparecer a cidade de Littoria. A gravura acima mostra a Catedral de S. Marcos da nova cidade, cujos habitantes são quasi todos lavradores e combatentes da Grande Guerra e nascidos nas regiões que rodeiam Veneza.



A cidade de Sabaudia, vista de aeroplano. A gravura que publicamos mostra já traçadas as linhas do futuro desenvolvimento da nova cidade. Dos pântanos que dominavam esta região, resta um pequeno lago que dá animação à paisagem



Guerra Junqueiro

guês da sua geração: é o maior poeta, o maior orador e o maior político... Génio imenso, incomparável!

Falávamos ainda de Garrett, e já a noite descia.

Então, eu disse-lhe: — Quer ajudar-me com os elementos dum estudo, que leve ao futuro o reflexo mais íntimo da sua personalidade? Serei o seu Gomes de Amorim...

Junqueiro olhou para mim, como surpreendido, e limitou-se a sorrir.

E nunca mais falámos — nas *Memórias de Guerra Junqueiro*...

Trêze anos depois, em 1923, morreu o autor da *Pátria*.

Em fins de 1936 — outros trêze passados — a lembrança de Junqueiro tornou-se-me de tal modo sempre presente, que pôde dizer-se que não me saía mais do pensamento e do coração.

Que saúde! E a dor de o ter perdido atingira uma inultrapassável angústia...

Para a aliviar, comecei a escrever, destinando-os à *Ilustração*, uma série de artigos. Sem outro objectivo, deixando-me levar na corrente das minhas recordações, das minhas emoções...

Eu não tinha sequer um apontamento sobre Junqueiro; mas assuntos, ordem e plano foram-se apresentando ao meu espírito, como se uma poderosa vontade me guiasse. E — tão contra a minha natural relutância de escrever — sentia contentamento e alvoroço, como se estivesse executando uma tarefa útil, necessária, urgente!

Havendo lido os primeiros artigos, perguntava-me D. Isabel, a filha do Poeta: — Mas, sem apontamentos, como consegue reproduzir o pensamento e as palavras de meu Pai?

— Minha senhora: Ponho-me a pensar na minha pobre vida, passa na minha alma a imagem de Junqueiro, e transponto-me, de repente, ao passado, encontro-me com ele como em certa hora e certo lugar me encontrei, e começo a ouvi-lo.

D. Filomena, a santa velhinha, a esposa amantíssima, ao lado de sua filha, está atenta à minha explicação...

— E se não ouço bem, ou não entendo bem, peço-lhe que repita, que me esclareça melhor...

— E então? — interroga, ansiosa, D. Filomena.

— Então, umas vezes, sorrindo docemente, repete, elucida; outras vezes prossegue, sem ter reparado sequer na minha interrupção...

— É ele! é ele! — exclama a querida companheira do Poeta; e há tanta comição na sua voz que me perturba, e a minha explicação finda...

É o que faço também aqui. Ainda que me abalem mais as lágrimas que o riso...

O que eu ia escrevendo tornou-se impublicável na *Ilustração*. Esta a razão de ser deste livro.

O que é que eu, idealmente, desejaria, traçando estas páginas?

SAUDADE... GOSTO AMARGO

Memórias sobre Guerra Junqueiro

Um magnífico trabalho do Dr. Lopes d'Oliveira

Que a figura de Junqueiro — como Poeta, como Orador, como Político, enfim como Homem — nelas avultasse em tôda a sua grandeza, através das simples conversas que tivemos, das expansões de intimidade, e dos estranhos, portentosos monólogos que lhe ouvi, sobretudo em especiais circunstâncias da sua vida ou da vida nacional.

Reconheço que este livro está muito longe do que eu ansiaria fôsse: em vez de *Memórias de Guerra Junqueiro*, será um pálido reflexo da sua genialidade — simplesmente *Memórias sobre Guerra Junqueiro*.

Dedico estas páginas àqueles que o amaram, àqueles que o amam: só eles poderão perdoar — mas, porque hão de sentir, lendo-as, que se usei escrevê-las, foi por ingenua ternura, por filial carinho, por devoção religiosa.

Fez-se uma lenda contra Junqueiro, opondo o seu coração ao seu cérebro, quando a verdade é que nele se aliava um grande espírito a um coração magnânimo: amparou fraternamente muitas vidas e inspirou os mais profundos afectos.

O leitor desprevenido, que não conheceu pessoalmente Junqueiro, encontrará neste livro algumas proposições que lhe causarão estranheza; serão duas as principais: que foi um grande orador, e que, — sem ser católico, como se quis dizer, nem mesmo cristão, como se desejava — foi, entre todos os do seu tempo, o espírito mais profundamente religioso.

A crença de Junqueiro em Deus foi sempre inabalável. Mas os problemas, que se levantam à volta da ideia de Deus, quando esta se não mobiliza e resolve em puro sentimento, como nas religiões reveladas, são formidáveis — os mais vastos e complexos do pensamento humano.

Estes problemas — tortura de tôda a sua vida — foram-se-lhe tornando obsessivos; o seu espírito foi incessantemente atraído por esse vórtice de mistério insondável, e sem poder encontrar repouso na fé cega, envolveram-no em angústia, em dor cruciantíssima.

Verdadeiramente o consumiram; o seu corpo queimou-se à chama inextinguível da ansiedade do infinito.

Conversando, perorando — quantas vezes é a mesma coisa! — a elocução de Junqueiro é sempre nítida, equilibrada, perfeita.

Forma definitiva; se a trasladassem à escrita, nada haveria a emendar: jul-

gar-se-ia, ao escutá-lo, que estava declamando o que escrevera antes, com mil cuidados e arranjos de justa medida. Só quem muito tivesse convivido com êle estaria certo de que era espontâneo e sem esforço o que se afigurava de longo labor.

Há coisas que repete? Sem dúvida — mas são ditos, anedotas, sínteses pitorescas — moeda miúda, trocos para amorcer a conversação. Tudo o mais é instantaneamente forjado no seu cérebro, batido, de momento, na fucude do seu génio, escorrente de fogo, maravilhoso de luz!

Impossível fixar esta eloquência de inspirado: só a tradição dos seus íntimos pode testemunhar a sugestão imediata, dominante, avassalante, arrasadora que exercia a magia da sua palavra.

Os seus discursos públicos, incluídos nas *Horas de Combate* — ainda que sejam belos — são composições ordenadas para uma resultante política, sujeitas, mais ou menos, às condições do meio, às conveniências partidárias: não dão plenamente ideia da espontaneidade, do vigor do verbo, da expressão abrupta e esplendorosa, da revoada sideral de imagens que desprende, sempre vitoriosa, a sua alada fantasia.

Os nossos próprios sentidos eram impressionados, como se os perfedos que pronunciava fossem, materialmente, lampejos.

A velha alegoria bíblica da palavra de Deus, desatando-se no Sinai em relâmpagos e trovões encontrei significado, ouvindo Junqueiro.

Até mesmo baixando a tratar de trivialidades, na *blague*, na anedota ou no vivo comentário, acompanhados de gestos e inflexões, as suas frases eram como descargas eléctricas, pequenas fâscas de luz deformante, com que nos movia ao riso ou ao espanto. Era então que olhava para nós maliciosamente, como um Vulcano que se entretivesse a fâcil do seu ciclopico brazeiro chispas ligeiras para divertir crianças.

Mas era quando entrava em monólogo, engolfando-se na vastidão etérea das suas congeminções, que o grande fogo interior se ateiava em altas labaredas, e a sua figura resplandecia como num Olimpo inacessível.

Ficam-nos os seus livros? Alguns são inexecidíveis realizações, mas usarei afirmar que, ainda assim, o potencial da sua obra escrita é inferior ao da sua obra falada, porque, sendo fundamentalmente um pregador, um missionário, dir-se-ia que precisava, inicialmente, de auditório, da presença, ao menos, dum ser humano,

para que se desenvolvesse tôda a *vis* maravilhosa da sua imaginação criadora.

Confessava-se incapaz de escrever num gabinete, ideando sedentariamente, com papel e tinta sobre a mesa.

Para criar, era indispensável o movimento; versos fazia-os andando: todos os seus poemas representam inatigáveis marchas de peregrino ou de soldado. Também, êles são — ou orações ou batalhas.

Não será inteiramente paradoxal este conceito: a sua obra filosófica não pôde levá-la a cabo, porque não pôde concebê-la e realizá-la, caminhando. Retinha de memória quatrocentos versos, que ao chegar a casa escrevia; mas não lhe era possível reter, assim, quatrocentos racionais. E a sua memória enfraquecera, atacada pelo paludismo de Barca d'Alva...

Junqueiro nascera para falar. Era um Poeta no verdadeiro sentido do termo — um vate, um inspirado — não, propriamente, um escritor.

O seu pensamento, para exprimir-se, procura primeiro a voz; só depois lhe é possível a escrita. Escrever é para êle um acto secundário, complementar.

É de natureza, de nascença, simultaneamente um aedo e um apóstolo.

Quem houver de o representar para os seculos futuros, não o faça sentando-o a uma secretária; não ergam as suas estatúas com a pena na mão...

Não; não foi um escriba!

No balanço da vida literária de Junqueiro há três grandes obras que ficam à altura do seu génio — *Os Simples*, a *Pátria* e a *Oração à Luz*.

A Morte de D. João, é a revelação magnífica do seu estro, mas ficará num plano inferior ao das grandes produções da maturidade do seu espírito.

A Musa em férias, corresponde a um período de cansaço, de hesitações; confirma o renome alcançado, mas não há avanço sensível.

A Velhice do Padre Eterno é certo que afirma o triunfo definitivo da forma junqueiriana, sem jaça, diamantina, e contém versos cujo fulgor jamais foi excedido; mas sobre a luz astral das suas estrofes passam borrascas caliginosas; ao ritmo métrico desigualável, acompanhada, de contínuo, o estridor de combate do panfletário.

Há dois livros gémeos na literatura portuguesa — *A Velhice*, de Junqueiro, e *A Reliquia*, de Eça de Queiroz.

Por pouco não se publicam à mesma hora, e marcam, entre nós, a máxima perfeição atingida no verso e na prosa.

E, todavia — assombros de técnica, expressões prodigiosas de luz, de cor, de harmonia orquestrante — êles são, como me dizia Junqueiro, *sub specie aternitatis*, quasi só cisco?

Esta crítica é severa. No sonho de Teodorico, de *A Reliquia*, há páginas de prosa sem par; e algumas composições de *A Velhice* está todo o Junqueiro futuro: não falando já do *Melro*, a introdução *Aos Simples* contém, em flor, a ideiação de *Os Simples*. É só um sarcasta como o de *A Semana*



Lopes d'Oliveira

Santa, aliando ao poder da sátira os dons supremos da tragédia que atravessam essa obra demolidora, e vão acentuar-se na *Marcha do Odio* e no *Fins Pátria*, poderia intentar a *Pátria*, êsse poema que, como dizia Bruno — é um poema como não há outro no mundo.

Junqueiro tinha 45 anos quando o publicou. Dos quasi trinta que tinha ainda a viver, só a *Oração à Luz* nos dá a medida da ascensão espiritual do Poeta. Que coramento glorioso!

Acrisolada a sua alma, purificada a sua vida, a sua arte resplandecente cria as três obras imortais, mensageiras do Infinito, gravitando na órbita de Deus.

Há grandes poetas, depois de Camões, em Portugal? Gonzaga, Bocage, Garrett, Antero, João de Deus, Gomes Leal — decerto...

Mas só o autor de *Os Simples*, da *Pátria* e da *Oração à Luz* tem, ao mesmo tempo, a profundidade lírica, a envergadura épica e o sentido de universalidade, para continuar Camões.

Convivi com alguns dos maiores portugueses do meu tempo — políticos, literatos e artistas. Mas em nenhum outro encontrei em tão alto grau a fascinação do Espírito. A presença do génio em Junqueiro era uma coisa real, tangível. Ao ouvi-lo — pode dizer-se ao vê-lo? — alguma coisa de estranho, de sobrenatural nos abalava...

As horas que passei com êle não são como as outras horas...

Celebrar a memória dum tal homem, contemplando-o à terna luz da intimidade, repousando os olhos deslumbrados da sua glória — eis o intento com que tracei as páginas que vão seguir-se.

Guardei-lhe na minha vida um culto: no caminho de luta que prossigo, parei no dia da mais cruel batalha, para consagrar-lhos, votivamente, como um ramo de flores emurchecidas — ai de nós! — pela fúria dos vendavais.

DELÍCIAS DAS PRAIAS



A alegria da Costa do Sol (Estoril) personificada nessa náíade gentil. Assim se explica que a mitologia grega rendesse culto a Anfitrite que, com a sua presença, tornava o mar ainda mais encantador. A gravura acima mostra-nos um curioso instantâneo que diz mais que um poema de cem páginas. Ao fundo o Tamariz.



Em Munich, como se vê, também há gosto pela beira de água. A gravura mostra um grupo de excursionistas fazendo o seu passeio numa jangada. O trajecto durou sete horas por entre pitorescas paisagens, mostrando assim o bom gosto dos seus organizadores. Mais dia, menos dia, pega cá a moda de bem navegar em toda a jangada.

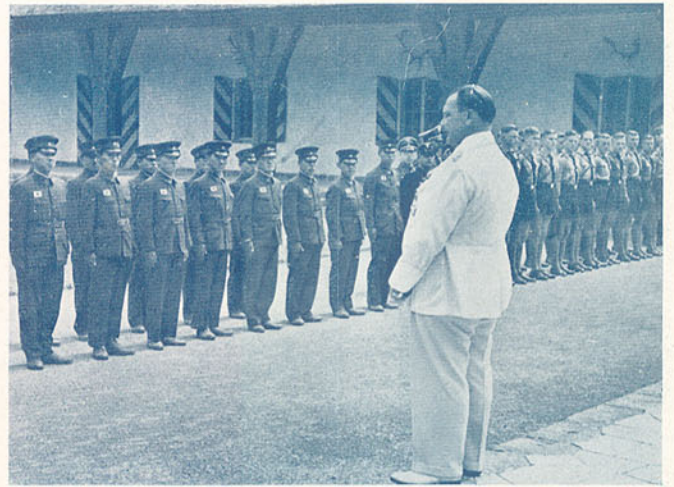


A' ESQUERDA: As graciosas artistas da Metro-Goldwin-Mayer, Betty Furness e Isabel Jewell na famosa piscina «El Mirador» em Palm Springs. A' DIREITA: Na Praia de Wannsee, cerca de Berlim não há banheiros nem barracas alugadas. Cada banhista leva consigo o que necessita. E, como se verifica pela gravura acima, não precisa de fazer grande esforço, pois que as barracas cabem em qualquer algibeira. A isto se chama juntar à economia a comodidade. Aí fica um alvitre que não nos parece desagradado.

ACTIVIDADES ALEMÃS



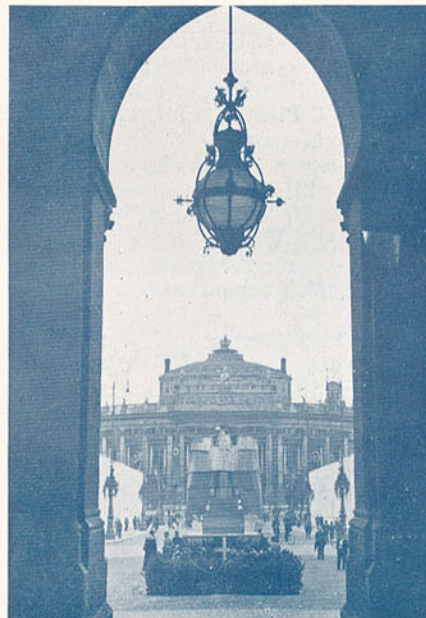
Alemães do Corpo de Trabalho de Honra trabalhando activamente na mudança do curso de um rio, visto ser assim mais necessário a prosperidade da região.



Goering saudando os chefes da Juventude Japonesa que foram visitar a Alemanha. O Presidente do Conselho recebeu-os na casa de campo de «Carinhall».



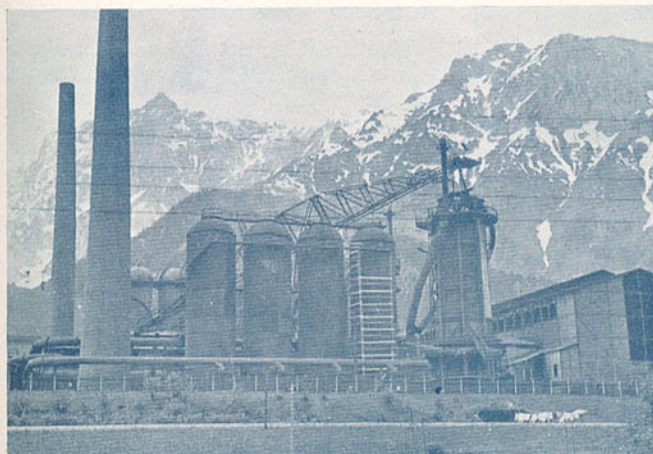
Hítler contemplando a estátua do Discóbulo na Grande Exposição de Belas Artes Alemã, em Munich.



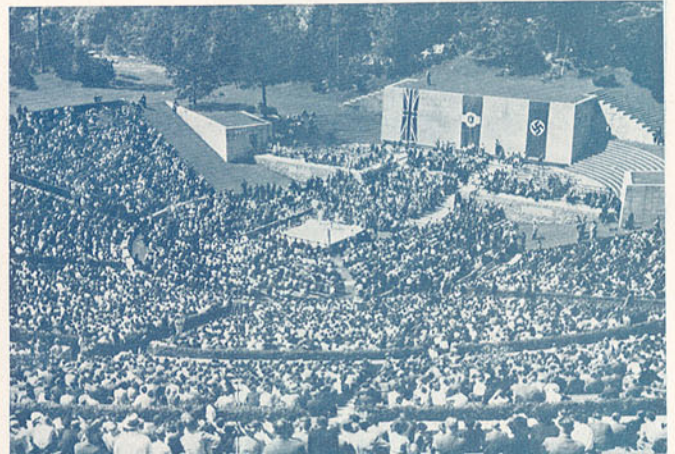
Um aspecto de Opera do Estado de Viena durante as festas do teatro ali celebradas há dias.



Barcos à vela que figuraram na Semana Internacional de Regata realizada na baía de Kiel.



Um aspecto de «Eisenerz», importante centro de produção austriaca que se está desenvolvendo na industria do ferro segundo as bases do plano quadrienal.



Vinte mil espectadores do *match* de boxe entre os pugilistas da Inglaterra e da Alemanha no teatro ao ar livre «Dietrich Eckart». Ganharam os alemães a 10 por 6.



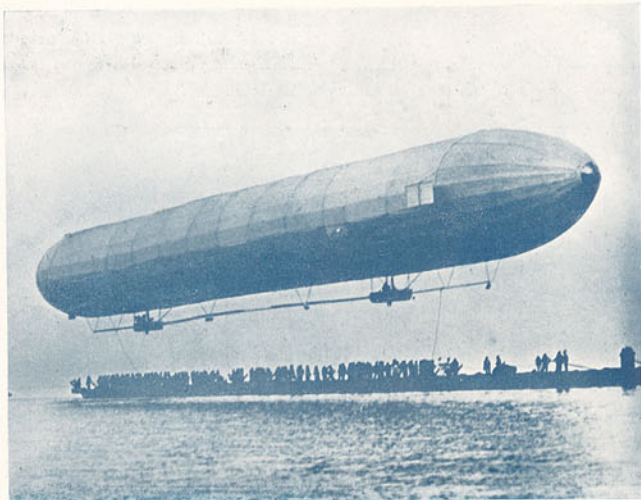
Conde de Zeppelin

No dia 8 de Julho passou o centenário do Conde de Zeppelin, tendo a "Deutsche Zeppelin-Reederei", organizado grandes festas a que se dignou assistir o comandante C. E. Rosendahl, illustre presidente da aviação dos Estados Unidos.

O Estado de Berlim esteve enfeitado com as suas melhores galas para festejar condignamente o grande inventor.

Recordemos o seu viúto.

O conde Fernando de Zeppelin nasceu na cidade de Constança no dia 8 de Julho de 1838. Tendo estudado na Escola Politécnica de Stuttgart, continuou o seu curso de ciências na Universidade de Tubing, ingressando depois no exército de Wurtemberg. Ao sair da Escola Militar com a sua patente de oficial, pediu au-



A ascensão do primeiro "Zeppelin" no dia 2 de Julho de 1900 nas margens do Lago Constança

torização para ir até à América onde se desenrolava a guerra da Secessão.

Esta guerra civil, travada entre os Estados do Norte e os Estados do Sul, deflagrara após a eleição de Jefferson Davis par a presidência da Confederação Súdista. O general Beauregard abriu as hostilidades, bombardeando o forte de Sumter. Os federais, menos organizados que os seus adversários, sofreram grandes derrotas.

Zeppelin, em plena pujança dos seus vinte e três anos, sentia a Europa muito pacífica para as suas aspirações guerrieras. Enquanto não punha a voar os seus dirigíveis ainda em embrião, tentava outros vãos. Quatro anos durou essa guerra, que terminou, apesar dos grandes desastres sofridos a princípio, pela vitória dos federais.

Zeppelin, foi dos poucos que deplorou o fim desta chacina, visto perder uma bela oportunidade de fazer brilhar as suas qualidades bélicas.

Regressou, portanto, à Alemanha, sendo agregado ao Estado Maior. Cinco anos decorridos nessa inação, surgiu uma nova oportunidade com a guerra franco-prusiana. Tinha, nessa altura, os galões de capitão. Tão bravamente se portou nas batalhas de Freschwiller e de Sedan, e no cerco de Paris, que foi promovido a general de brigada.

Volto a paz, e, com ela, a tal inação que tanto alligia o bravo guerreiro. Foi então nomeado ajudante de campo do rei Carlos de Wurtemberg que sempre lhe dispensou grande consideração e confiança. Mas era pouco para o bravo militar.

Em 1892 dedicou-se mais amplamente à construção dos dirigíveis de grandes dimensões que lhe deram enorme celebridade. Mas, para atingir o seu fim, quantas fadigas, quantas desilusões e quantas contrariedades!

A sua primeira tentativa realizou-a

OS VÔOS HUMANOS

O centenário do Conde de Zeppelin

A perseverança, base de todos os êxitos

com a construção de um grande balão que pudesse levar vários passageiros e cargas pesadas. E assim conseguiu fazer três ascensões nas margens do lago de Constança. O seu fim era dar direcção ao aparelho, mas como conseguiu? Construiu, em seguida outro, valendo-se do dinheiro alcançado por uma lotaria. Várias vezes tentou atravessar o lago, mas, apesar dos melhoramentos que introduziu no seu invento, não lhe era possível dar-lhe direcção, em tempo desfavorável e contra o vento.

Seguiram-se novas tentativas, umas vezes, dando um resultado menos mau, e outras falhando por completo. Mas Zeppelin não era homem que esmorecesse. Era perseverante e devia triunfar. Quando novas experiências pareciam indicar-lhe o caminho do êxito em grandes percursos e evoluções, deu-se um novo desastre que lhe deteriorou completamente o balão e a vária aparelhagem que ali se acumulava.

Outro que não fôsse Zeppelin teria desistido, seguindo o velho conselho que nos diz que "contra a força não há resistência".

Mas Zeppelin resistiu.

Nesta altura, foi o imperador da Alemanha, Guilherme II que se interessou pelo inventor, patrocinando uma subscrição pública para a construção de um novo aerostato.

Dizia, nessa altura, um técnico que "em face do que se viu, o homem conseguiu voar!".

Pormenorizava que "o conde de Zeppelin apresentara as suas primeiras experiências em um dirigível que apresentava a forma de um cilindro de alumínio com mais de 120 metros de comprimento por comprimento por um diâmetro de menos de 12".

Este aparelho era dividido em dezasseis compartimentos ou alvéolos em que se encontravam encerrados outros tantos balões cheios de hidrogénio, e tinha suspensas duas barquinhas que alojavam, cada uma, um motor de petróleo para acionar as helices propulsivas. Em 1905, o Zeppelin (o aparelho levava o nome do seu inventor) numa viagem memorável, conduzindo uma dúzia de passageiros, batera o *record* de todos os balões dirigíveis. Mas a experiência realizada, um ano depois, é que foi a sua consagração definitiva, apesar das peripécias da sua acidentada travessia de Friedrichshafen a Berlim. A admirável descida do aeronauta no campo de manobras de Tegel, após uma tão longa viagem cheia

de dificuldades, e depois de ter manobrado durante três horas por cima da cidade, constituiu um espectáculo impressionante que despertou o entusiasmo da multidão. O balão, descrevendo uma elegante curva à entrada do bosque que limita o campo de tiro, dirigiu-se para o campo destinado à aterragem e que se encontrava vedado por um cordão de soldados.

O dirigível chegou, inclinando um pouco a ponta da frente. Uma badalada de sino indicou aos maquinistas que deviam parar os motores. A grande nave aérea começou enlão a descer lenta e majestosamente. Um dos pilotos atravessou a ponte que liga a barquinha ao corredor existente de uma a outra extremidade do dirigível, e atirou um molho de cordas. Os soldados apoderaram-se das amarras e fizeram avançar o Zeppelin até ao local preparado para a sua ancoragem, enquanto uma banda militar executava o hino nacional. Estava feita a prova decisiva. Desde então para cá, quantos progressos, quantos melhoramentos conquistados!

Mas, tudo se baseia na persistência do Conde de Zeppelin, podendo dizer-se até que, mais na sua perseverança indomável do que na sua ciência, é que consistiu o seu triunfo final.

Quantos grandes inventores ficaram ignorados por não possuírem essa persistência, essa tenacidade, essa teimosia até, se quizerem?

Vem a propósito contar um facto observado há anos em Paris. Apareceu um indivíduo que declarou ter inventado um pára-quedas originalíssimo. Consistia em uma espécie de capote com o respectivo capuz que inflaria de tal maneira, que a queda seria suave como a de uma pena. Fez a experiência, precipitando-se do alto da Torre Eiffel. A multidão que assistia à prova emocionante, viu o desgraçado despenhar-se e esfacelar-se no solo.

Falvara a experiência? Assim parecia. Nisto, surge um indivíduo que, aproximando-se dos restos esfacelados, e cobertos de sangue, do malgrado paraquedista, esteve examinando com tódia a atenção o tal capote que os envolvia ainda como uma trágica mortalha.

— Mas isto tinha que dar resultado! — disse êle com a maior convicção — o que o desgraçado se esqueceu foi de abrir bem os braços... Como prova do que afirmo, vou fazer eu a experiência, e verê se dá resultado ou não...

O chefe do desporto alemão Von Tschammer and Osten explicando ao comandante norte-americano C. E. Rosendahl e sua esposa as disposições e instalações do Estado de Berlim

E, com a maior confiança, foi êle fazer a experiência que deu, efectivamente, o resultado que êle garantia.

Este exemplo é, a nosso vêr dos mais frisantes!

Pois nem a vista do montão de destroços ensanguentados que pareciam indicar-lhes a triste sorte que o esperava, fizeram vacilar êsse homem na sua intenção de provar o êxito de tão arriscada experiência.

Qualquer outro, por muito convencido que estivesse, teria desistido ante um tão horroroso espectáculo. Nessa altura, a sua certeza desvanecer-se-ia como fumo ante a prova provada do desastre. Pois o nosso homem é que não se deu por satisfeito com o desastre sucedido ao primeiro paraquedista.

— É porque não abriu bem os braços!... Só por isto... Verão como eu faço melhor!...

E, se bem o disse, melhor o fez. Com o conde de Zeppelin deu-se, mais ou menos, o mesmo. Teve a vida em grave risco várias vezes, mas tentou sempre, e atingiu plenamente o seu fim.

Nessa perseverança, repetimos, é que está o segredo do seu triunfo...

Seos emitidos em que figuram o primitivo aparelho e o actual



O REGRESSO AO LAR



De tóda a parte se eleva o mesmo grito: o regresso ao lar, da mulher. Nos mais adiantados países, duma civilização perfeita como por exemplo a Alemanha chegam-nos ecos, de que se trabalha, para fazer voltar a mulher aos seus antigos hábitos de boa dona de casa.

A mulher alemã era em tempos idos, uma perfeita dona de casa, não havia muitos países que se orgulhassem das suas mãis de família cuidadas com os filhos, cozinheiras exímias, económicas e trabalhadeiras, com tanta razão, como o país do velho Bismarck.

Hoje como em tóda a parte a mulher, mesmo a mulher casada, abandonou muito o lar, empregando-se, procurando na vida de funcionária, médica, advogada ou caixeira, os meios de subsistência e por conseguinte, como não pode deixar de ser pondo muito de parte o arranjo e os cuidados de casa do que resultou, como sempre, o desequilíbrio absoluto da família e por conseguinte da sociedade em geral, que a família levanta e sustenta com a força da tradição e da união.

A própria saúde se ressentiu, porque a mulher que trabalha fora de casa, não pode ocupar-se convenientemente da alimentação, substituindo os pratos caseiros, tão úteis à saúde, pela salsicharia, pelas carnes frias, que embora alimentem não podem nunca substituir um bem cozinhado jantar.

A mulher tomou hábitos de andar sempre fora de casa e procura distrações, que naturalmente precisa, fora do seio da família substituindo as antigas reuniões familiares, pelo cinema, pelo café, pela cervejaria, tão frequentada na Alemanha por senhoras. De aí lhe vem não só um menor gosto pelo lar, como também muito mais despesas com a «toilette», que a vida contínua de rua, impõe. De tódas estas coisas que à primeira vista parecem insignificantes, nasceu um mal estar que tem de ser remediado e daí veio a ideia, de fazer regressar a mulher ao lar, ao lugar que lhe compete, de doce companheira do homem, fada da casa, onde poderá empregar tóda a sua energia e todo o desembaraço, que adquiriu, como funcionária ou em qualquer carreira liberal.

Na Alemanha escola de boas donas de casa foi necessário, recorrer a cursos para as noivas, para se acabar com os lares, onde a mulher sabia tanto como o marido de medicina, ou leis, e, como é ignorava como se faz um jantar, como se dá uma passagem e até como se muda uma fralda a um bebé!

Impõe-se o regresso ao lar. Mas não é só a Alemanha que tem de tomar essa enérgica resolução, são todos os países, porque por tóda a parte com a independência da mulher surgiu

esse conflito inevitável que dá o abandono da casa pela mulher, que ocasiona tantas discussões no mais unido casal e provoca quási sempre o divórcio, com o seu cortejo de infelicidades, que se pode dizer é um dos grandes males da sociedade moderna e a causa de má formação de muita gente nova, que é criada e educada aos trambalhões, entre pais que refazem a sua vida por outro lado, não estando nunca os filhos na sua casa, que é quasi sempre a casa dum padrastrô ou duma madrasta. Não falando mesmo no efeito moral que lhes deve causar o ver outra mulher e outro homem no lugar de seus pais.

Parecendo que o papel de dona de casa é um papel insignificante na peça, que se representa na vida, é-se induzido em erro, porque é um dos principais, se não mesmo o principal da vida duma mulher, vida que decorra dentro das normas estabelecidas, que são sem dúvida as melhores.

Porque não nos iludamos, as novidades não têm trazido o socego ao mundo, nem a felicidade aos corações. Era bem mais feliz a rapariga ingénua de outros tempos, que fazia o seu ideal do casamento, dum coração fiel e unido ao seu, pelo mais santo afecto, que os filhos tornariam mais sagrado, dum lar onde empregaria tóda a sua actividade, fazendo d'ele o centro do mundo, do que o é a rapariga conhecedora da vida, que antepõe a tudo, as suas ambições pessoais de colocação e de dinheiro.

Aquela preparava a sua missão na vida, missão que embora difícil e espinhosa, lhe reservava suaves alegrias que iluminariam para sempre com a sua doce luz, os anos decorridos nos cuidados daqueles que amava.

Esta prepara em geral uma vida de amargas desilusões, de labuta extenuante, sem recompensa que valha a pena, e, quando o seu coração fala, o que é bem natural, quando casa encontra-se em frente do desconhecido, que é o arranjo da casa, e envolvida nas pequenas dificuldades da vida, as mais difíceis talvez de suportar, porque são aquelas que exigem uma paciência sorridente, o hábito da luta exterior não dá, sucumbe.

A mulher portuguesa começa a viver essa afflictiva crise, que há anos amargura a vida das mulheres de mais adiantados países. É relativamente há pouco que as raparigas abandonaram o remanso do lar, para se lançar na árdua vida do estudo, e, pode dizer-se que há vinte e cinco anos, ainda eram raras as mulheres empregadas e nas lojas não se via uma caixeira.

Mas como em tudo somos impetuosos, se há pouco tempo a mulher tem essa vida, lançou-se

nela com entusiasmo e logo se fez sentir a crise 'essa crise a que chamaremos a «crise da felicidade humana».

Entre nós nas classes superiores, a mulher aproveitou a liberdade e a independência, não tanto para trabalhar, como para se lançar numa dissipadora vida de divertimentos, adquirindo hábitos de mal entendida independência, fumando e jogando.

É triste dizê-lo, mas esta atitude da mulher portuguesa, não constitue muito para a levantar no conceito geral, nem aos olhos do homem, que também é culpado neste estado de coisas, por indulgência uns, outros na esperança de ter na sua vida umas aventurazitas a mais, começaram a enaltecer a mulher moderna e a chamarem «bota de elastico» aquelas que não se deixavam arrastar na onda da loucura.

O resultado é sempre o triste remédio do divórcio, que nada remedeia, antes tudo agrava, fazendo sempre as vítimas inocentes, que são os filhos.

Como se a mulher moderna, possa ser essa desvairada sem amor à casa, passando a sua vida por casas de chá, casinos e «Ma Jongh» abandonando os filhos. Essa é a mulher estonteada de todos os tempos que em tóda a parte houve sempre e que era desconhecida na pacata Lisboa de outros tempos.

É necessário combater essa loucura bem mais perigosa do que o trabalho, que ainda pode trazer vantagens pecuniárias ao lar, embora essas mentiras sejam muito reduzidas, pela falta de vigilância da dona da casa, que é a única a saber fazer as economias, que uma casa impõe para ser bem governada e a aumentar o bem estar geral.

Também entre nós se começa a notar a tendência do regresso ao lar que tanta senhora que se deve chamar verdadeiramente a mulher moderna preconiza, trabalhando por espalhar as boas ideias que tornam a mulher esposa fiel e mãe dedicada.

Mas por todo a mundo se levanta esse movimento de regresso ao lar da mulher, até na livre América entre as estrelas do cinema, na cidade moderníssima de Hollywood se nota essa tendência havendo estrelas como Rosalinda Ruel, que é considerada o modelo das donas de casa, sendo célebres os almoços que oferece aos seus amigos, servidos em apurada mesa onde brilham as «papperons» de «fillet» executadas por suas próprias mãos, esta rapariga bonita e jovem entende que ser bonita não é só envergar «toilettes» e mostrar-se em público.

MARIA DE EÇA.



UM CORAÇÃO DE OIRO

(PADRE DAMIÃO)

obra premiada pela Academia Francesa com o "Grand Prix Montyon"

A existência movimentada do padre Damião de Veuster, o célebre missionário belga, admirado por todo o mundo, inspirou a Pierre Croidys o livro formosíssimo, do qual não resistimos à tentação de transcrever um dos mais curiosos trechos.

Obra evidentemente baseada em documentação fidedigna, e premiada pela Academia Francesa com o «Grand Prix Montyon», nela o autor segue passo a passo na sua longa e prodigiosa carreira de missionário o homem que, sacrificando mocidade, bem-estar, família, pátria, arrasta durante vinte e cinco anos a existência vivendo longe do mundo civilizado, em plena Oceania, entre selvagens que o veneram, desprovido de todo o conforto, dormindo sobre a terra dura, alimentando-se dos frutos que a natureza prodigaliza, e tendo apenas a defendê-lo das intempéries a cotiada sotaina que o cinge e que mais tarde lhe serve de mortalha.

Dêstes vinte e cinco anos, os últimos catorze passados pelo sacerdote entre os gafos da ilha Molo-kai, ocupam a maior parte da obra que Pierre Croidys, deslumbrado pela grandeza da personagem, comovido pelos transe dolorosos da sua vida, assombrado pela sublimidade do seu sacrifício escreveu possivelmente com o intuito de servir como que de primeira pedra do monumento devido pela Humanidade ao grande apóstolo dos leprosos.

DESTA maneira o padre passava sem descanso do trabalho espiritual para o trabalho manual. Preocupado tão absolutamente o espírito, mal lhe sobrava tempo para pensar no estado de absoluta solidão a que se votára, alheiado das criaturas fazendo parte da raça a que pertencia e da família que abandonára. As raríssimas horas de repouso que lograva ter reservava-as à meditação religiosa e à oração mística.

Todavia, por vezes, o pensamento atravessava os dois oceanos, e ia longe, até deter-se no humilde tugúrio de Ninde, próximo de Tremeloo.

Que faziam o pai e a mãe? E os irmãos?

Escrevera-lhes no mesmo dia em que endereçara carta ao Provincial. Esta missiva levaria aproximadamente seis meses para chegar à Europa, pois que os veleiros de viagem para o Velho Continente compunham reduzido número e tinham de fazer o periplo da América do Sul. Era necessário outro tanto tempo para a resposta chegar a Honolulu. Que de ocorrências podiam dar-se, durante um ano, na herdade flamenga!

Durante a noite, nas horas de insónia, nêle provocada muitas vezes pelo cansaço excessivo, tornava-se-lhe impossível reagir contra a surda angústia que o dominava.

Como reativo, recorria à oração. Pedia a Deus que lhe aceitasse as inquietações

em desconto dos pecados. Readquirida a serenidade, adormecia.

★

Distanciados da costa, aproavam para Este.

O mar espancava furiosamente os gigantes *palis*, dos quais emergiam por vezes sombrios recifes, que formavam como que um bastião avançado e submarino.

Por isto, a-pesar-do mau tempo, a piroga devia conservar-se ao largo, pois caso contrário correria o risco de se despedaçar em qualquer escolho.

Padre Damião, de mãos crispadas no banco, observava as vagas, parecendo compreender através delas a forma indecisa e pardacenta fôsse do que fôsse.

— Um tubarão? — inquiriu.

— Menos longe andarias da verdade dizendo três ou quatro, *Makua!*

Os esqualos seguiam o barco, aguardando indubitavelmente que qualquer onda mais alterosa arrojasse ao abismo a carregação de carne humana.

O moço sacerdote não pde sofrer um estremecimento ao pensar na terrível escolta que acompanhava o frágil esquife. Restava confiar-se à Providência.

De que serviria nadar como peixe, se corresse o risco de cair nas mandíbulas de qualquer dêsses monstros e fôsse arrastado por êle para o abismo?

★

O momento era crítico. Mentalmente, o padre resava, passando as contas do rosário. Bastava-lhe olhar para os rostos dos filhos de Oahu, que enfrentava, para adivinhar o perigo ameaçador que corriam. Os dois mocetões, de lábios cerrados, pupilas intranquias, não paravam de remar febrilmente; os remos, porém, sòmente batiam o ar, recaindo, um segundo depois, na água fragorosa.

Avizinhavam-se, todavia, do areal. Da distância, a que estavam dêle, viam agitar pequenos pontos negros, tôda a população da aldeia alvorotada por essa piroga que parecia desafiar o deus do mar.

Oahu mostrava-se esperançado nessa altura em que a travessia acabaria bem; todavia, abaixo das águas, existiam ainda fundos que orçavam por oitocentos metros, pouco mais, pouco menos. Assim, as vagas eram nêsse ponto alterosas e cavavam-se em abismos como no mar alto.

Bruscamente, onda enorme, rolando com fragor, cafu sobre a piroga sem dar tempo a Oahu de, por manobra hábil, evitá-la. Cheio de água e depois voltado, o barco arrojou ao oceano os tripulantes.

Arrastados, alguns segundos, entre duas águas, Padre Damião e os companheiros reapareceram à superfície, nadando vigo-



Pierre Croidys

rosamente. A frialdade do mar não se fazia sentir. Assim, os quatro, excelentes nadadores, podiam nutrir a esperança de alcançar sem dificuldade a praia, dado que os tubarões não os atacassem.

Os tubarões! Este pensamento sobrelevava todos os outros no cérebro dos naufragos. Imprimia-lhes os movimentos rítmico brusco, e o pavor fazer latejar-lhes violentamente o coração.

Padre Damião, sempre nadando, sentia-se prêso de angústia louca. Imaginava-se seguido pelos esqualos. De um instante para outro a fera dos mares poderia agarrá-lo por qualquer das pernas ou dos braços e devorá-lo. Semelhante situação representava para o missionário o sofrimento moral, verdadeiramente intolerável, do supliciado que, prêsa a cabeça na meia lua da guilhotina, aguarda a quêda do cutelo de aço que desastrada travadura impediu de funcionar.

O movimento das pernas e dos braços na água era o bastante para lhe inspirar indizível terror. Imaginava que mãos e pés tocariam a todo o momento qualquer dêsses cetáceos notáveis pela voracidade.

Os habitantes da aldeia, mal deram pela catástrofe, lançaram ao mar três pirogas, que voaram para o local do sinistro.

Os canacas conseguiram salvar os quatro homens, mais alquebrados pelo pavor que lhes causara a suspeita da presença provável dos tubarões, do que pela natação e pelas comoções do naufrágio.

Estendidos no fundo dos barcos, os quatro ficaram aturdidos por momentos, incapacitados de reagir, mal acreditando que o perigo fugira para longe.



A rainha Maria da Roménia

A morte da rainha Maria da Roménia causou a mais profunda mágoa em todo o mundo, porque era a rainha mais popular de que ainda houve memória.

A Roménia chora a sua perda, e o Unido acompanha-a na sua dor.

Pode dizer-se que nenhuma soberana esteve ainda tão próxima da alma do seu povo, nem tão extremamente ligada às mágoas, às alegrias e às esperanças dos seus súbditos como esta bondosa rainha que a Roménia acaba de perder.

Quando, numa fria manhã de Janeiro, entrou em Bucarest, essa joven princesa — tinha dezassete anos apenas — o povo romeno, contemplando-lhe o rosto lírio, os cabelos de ouro e os olhos azuis da tonalidade dos miosótis, logo se apercebeu do anjo protector que de tão longe vinha estender sobre elle as suas asas benfazejas. E logo compreendeu que esta illustre descendente de uma das mais altas famílias reinantes do mundo se identificava com o seu novo lugar tão amplamente que lhe merecia o mais profundo carinho. O povo romeno adivinhava nessa prin-

cesa a grande rainha que tanto se lhe havia de devotar, não esmorecendo até nas horas amargas dos grandes sofrimentos. Quando da guerra da Bulgária, todos viam a generosa princesa nos lazaretos de Turnu-Magurele tratando dos pobres coléricos com o maior desvelo, num salutar exemplo às enfermeiras. Com essa coragem inata da verdadeira nobreza, a princesa herdeira servia os alimentos e os remédios aos desventurados enfermos sem receio de contágios. Conversava com elles, animava-os, consolava-os na sua dor. E elles, os miseros, contemplando aqueles olhos meigos e piedosos da côr do céu, julgavam elevar a sua alma num doce arroubamento de paraíso. Como que electrizados, os heróis sentiam-se mais calmos e reanimados, vendo desvanecer o desespero da sua alma pela passagem de um raio benfazejo de esperança.

Mais tarde, como rainha, conquistou a admiração dos estadistas pela agudez das suas observações e pela penetração das suas idéas. A rainha Maria se deveu, em grande parte, a entrada da Roménia na Grande Guerra ao lado dos aliados. Nos dias trágicos que este país atravessou, começou também para a excelsa rainha o calvário de cada dia, de cada hora, de cada minuto.

Conheceu e sentiu a angústia das derrotas, a tortura das lutas indecisas, e, mais tarde, o enebriamento da vitória.

O seu grande amor pela sua Pátria adoptiva levavam-na a exortar as jovens princesas e os filhos da Roménia a seguirem o seu exemplo, enquanto o rei, por sua parte, procurava entusiasmar o exército.

Quando se soube que as províncias anexadas por outros povos voltariam ao seio da mãe-pátria, e que o exército vitorioso reenrtra na capital, a multidão correu a aclamar os heróicos reconstrutores da Grande Roménia. E o povo, não esquecendo que a sua rainha fóra o seu anjo protector nas horas da desgraça, acorreu a vitoriá-la como o faria á santa da sua maior devoção.

E lá a encontrava no seu vestido azul, a cavalo junto do grande e inolvidável

A rainha Maria em Paris



A L M A S EM CREPES

A morte da rainha Maria da Roménia

Uma vida de abnegação que se torna um símbolo

amigo da Roménia, o illustre general Berthelot.

Realizara-se um sonho milenário!... A nação completa!... Os irmãos libertados...



Um perfil de encanto

Surgiu a apoteose! A coroação do grande rei e da grande rainha, realizada em Alba-Júlia, marcou a mais gloriosa página da história desse povo.

Após a morte do rei Fernando, a rainha Maria retirou-se para Balic, a costa prateada que ela immortalizou.

E ali, entre o murmúrio das ondas e a cintilação dos astros e o encanto esplêndido da paisagem, a rainha dedicava-se à literatura, elevando o seu pensamento às ignotas regiões da verdadeira poesia.

Numa das suas obras "As Máscaras", que um crítico francês classificou de "conto maravilhoso, onde a imaginação e a observação se ligam de forma surpreendente e inesquecível", há páginas como esta:

"Fez-se um silêncio durante o qual cada um dos dois companheiros ficou imerso nos seus pensamentos, e depois, distraidamente, o professor pegou na máscara de Henrique IV.

"— Sabe — disse elle — que esta máscara foi feita quasi duzentos anos depois da morte? No decurso de uma guerra, havendo falta de chumbo para fabricar balas, desenterraram as urnas que continham os corpos dos reis. O de Henrique IV achava-se intacto; no rosto tinha ainda o sorriso irresistível que lhe tinha permitido transpor todos os obstáculos, ganhar todos os corações, começar e acabar conforme queria os seus nume-

rosos amores. Era o sorriso de toda a sua vida que elle conservava na morte.

"— E, contudo, morreu de morte violenta, assassinado... os reis são então, na verdade, seres áparte, Miguel!?"

"— Alguns dèles, sem dúvida. Reconheço que devem ser fortes, para não serem queimados pelas suspeitas que lançamos sobre elles, pelas calúnias com que os manchamos; exigimos dèles que nos dêem o seu tempo, a sua saúde, a sua paciência, a sua intelligência, enquanto que nós, o povo, nos julgámos com direito de os criticar sem piedade. É um jôgo mal equilibrado: uns recebem mais do que dão; outros estão sempre a trabalhar e ignoram o prazer..."

Glorificada nas letras como na pintura, possuía os raros dons da inventiva e do colorido com harmonias profundas e ricas.

Nas questões femininas, nos conflitos

que punham em risco os interesses das mulheres e dos homens, mostrou sempre compreender perfeitamente que a mulher actual não pode seguir hoje o caminho traçado pelos seus predecessores, mas o que lhe fór indicado pelo meio, pelos acontecimentos, pelas circunstâncias e pelos interesses.

As mulheres romenas encontraram sempre na sua querida rainha uma grande protecção, não o apoio de quem está mais alto, mas o de uma mãe, de uma irmã, de uma amiga querida.

Por isso, todas as instituições de beneficência, as fundações culturais queriam usar o seu nome, a-fim-de a glorificar.

Na sua piedade por todos os oprimidos, ela tinha sempre um dito oportuno, uma palavra mágica que tocava os corações, dispondo-os para a generosidade.

E todos queriam dar com o maior prazer o seu óbolo para as obras de caridade, comprando a flor azul, branca ou amarela que a mão da fada benfazeja lhes estendia.

Por isso a Roménia chora a sua gloriosa rainha, que sempre considerou como um dom da Providência, que descerá do céu nos mais alanceados tempos post-belicos.

Reinindo todas as grandes qualidades

Um dos últimos retratos da rainha Maria



Um passeio no seu retiro

dos seus illustres predecessores, cingindo a sua fronte juvenil com a coroa dos Cesares, a rainha Maria mostrou-se digna, pela sua alta intelligência, da santa e nobre missão da "união das almas".



Constituiu uma verdadeira apoteose a recepção feita no Funchal ao sr. Presidente da República. Desde a Ponta de S. Lourenço até ao cais, centenas de embarcações engalanadas escoltavam o "Angola", onde as mais altas individualidades madeirenses subiram para apresentar as primeiras saudações. A gravura acima mostra o Chefe do Estado, na varanda do Casino, junto do Governador Civil e deputado, dr. Juvenal de Araújo, admirando o soberbo panorama do Funchal e sua baía. — *Em baixo*: Aspecto grandioso do cais e arco triunfal para a recepção ao Presidente Carmona. Ao fundo, vê-se o vapor "Angola" — (Fotos Vicentes — Madeira)

A VIAGEM PRESIDENCIAL ÀS COLONIAS



Um aspecto do cortejo presidencial atravessando a rua do Aljube entre as entusiásticas aclamações populares. No automóvel, o Chefe do Estado e ministro das Colónias — (Foto Vicentes — Madeira)



O sr. Presidente da República, no discurso que proferiu na sessão solene nos Paços do Concelho do Funchal, declarou "não ter palavras que correspondessem ao que sentia no coração. Salientou que ia ligar num abraço espiritual os portugueses da Metrópole e do Ultramar, todos filhos da mesma Pátria, todos irmãos e todos portugueses. Graças à boa vontade e patriotismo de todos, Portugal ressurgiu gloriosamente!". A gravura acima apresenta o sr. Presidente da República, descendo do Monte no tradicional carro de vime, com o sr. ministro das Colónias. — *Em baixo*: O Chefe do Estado ao chegar ao Cais do Funchal entre delirantes aclamações — (Fotos Vicentes — Madeira)





Konrad Henlein numa das suas mais agradáveis atitudes

HENLEIN é o chefe do *front* patriótico dos sudetas alemães da Checoslováquia, e é possuidor daquela tática especial e hábil, que constituiu o êxito do nazismo do Terceiro Reich. É o embaixador de Hitler.

Conta apenas quarenta anos mas, a julgar pelo seu aspecto exterior, dar-lhe-íamos bem cinquenta. É pequeno de estatura e tem o ar pouco imponente de

um burguez da classe média; os óculos contribuem em grande parte para lhe dar esse aspecto. Nem é grande orador nem a sua palavra possui aquele calor que anima os discursos de Mussolini; é uma edição económica e muito atenuada das inflamadas orações de Hitler, mas nem por isso é menos inolvidável a impressão que deixa aos que o escutam. É o porta-voz de cerca de três milhões e meio de alemães estabelecidos fora da Alemanha que, tendo perdido a nacionalidade há já séculos, desejam de novo obter a sua antiga nacionalidade alemã. São conhecidos pelos *sudetas* e constituíram-se em partido político numeroso e importante, sob a chefia de Henlein. Os argumentos e frases que este repete, nos seus discursos, são aquelas mesmo que Hitler já pronunciou repetidíssimas vezes. Mas Henlein aproxima-

mais da maneira de ser do amalgama de povos, que constituía a antiga nação austro-húngara, do que de Hitler porque o seu nacional-socialismo é mais maleável do que o do *Fuehrer*. Representa e defende teorias que ninguém hoje se atreveria a defender na Alemanha. "O facto de que cada povo representa uma cultura sua própria, significa que não há laços indissolúveis entre os povos."

ASPIRAÇÕES ALEMÃS NA CHECOSLOVAQUIA

Quem é o senhor Konrad Henlein?

A extraordinária acção do chefe dos sudetas

Sustenta afirmações que para o Terceiro Reich são verdadeiras heresias, tais como esta: "O mais alto valor no homem reside na solidariedade entre os povos."

Konrad Henlein nasceu a 6 de Maio de 1898 em Masserdorf, perto de Reichenberg no extremo norte de Bochemia e a respeito da sua mocidade pouco consta. Durante a Grande Guerra serviu no exército austro-húngaro, no qual em pouco ou nada se distinguiu; depois da Grande Guerra caiu na obscuridade. Este período da sua vida é classificado por ele próprio de "época de triste miséria". Em 1926 tinha alcançado um lugar de professor de ginástica numa pequena cidade de província, e é então que começa a desenvolver a sua actividade na organização de um partido político, mascarado num movimento a favor do desenvolvimento do ensino da ginástica. Em 1931 foi nomeado director da liga ginástica-alemã da Checoslováquia e quando o movimento social-socialista foi suprimido pela polícia, no Outono de 1933, fundou ele próprio o *front* patriótico dos sudetas alemães da Checoslováquia.

Já em tempos do antigo império austro-húngaro tinha o movimento sudeta-alemão a Konrad Henlein por precursor.

A grande vitória do partido nacional-socialista nas eleições do Reichstag em 1930, partido congénere ao dos sudetas, e a elevação de Hitler ao poder, provocaram nos nazis da Checoslováquia um grande movimento terrorista em virtude do qual o governo checo dissolveu a organização nazi e prendeu os seus chefes. Para substituir a organização dissolvida surgiu "o front patriótico dos sudetas alemães" com Henlein por chefe. O governo a seu turno decretou várias medidas, que dificultavam a vida quotidiana dos sudetas.

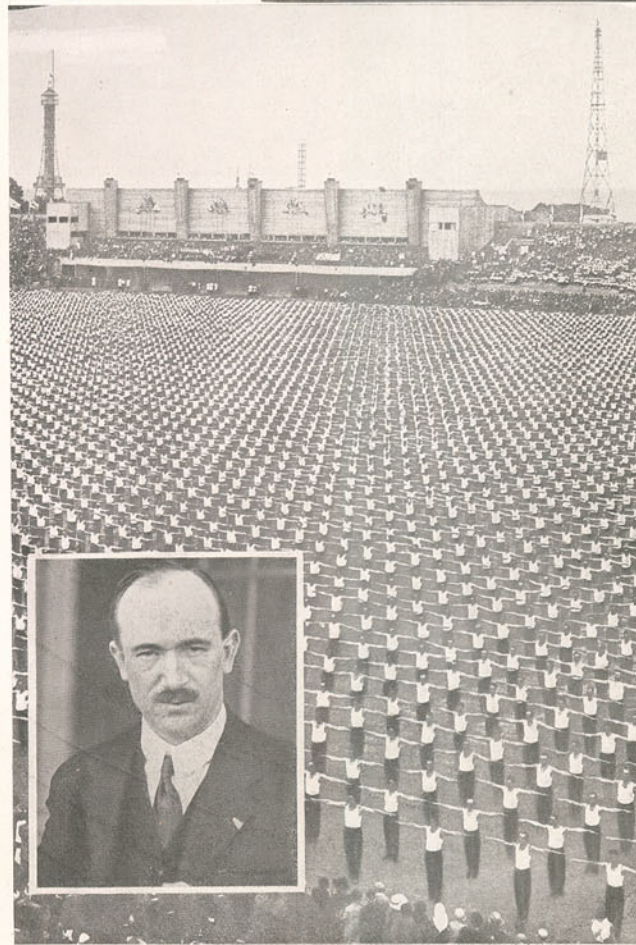
Na parte alemã da Checoslováquia era maior o desemprego do que no resto do país e ainda hoje a percentagem dos funcionários públicos alemães é menor do que a dos checos e estes justificam este desequilíbrio com o pretexto de que não podem conceder lugares públicos de confiança a subditos que repudiam a nacionalidade checa. Apesar destas e outras perseguições, o partido de Henlein foi

aumentando em número de forma surpreendente. No mês de Janeiro de 1933, contava 5.000 agremiados; dois anos mais tarde este número tinha galgado a 100.000; em Abril do mesmo ano contava 200.000; no começo de Junho 300.000 e em Dezembro ainda do mesmo ano (1935) 400.000. Foram, porém, as eleições a deputados, no segundo semestre, sempre do mesmo ano, que trouxeram para o activo do partido a sua maior vitória. Entre 23 de Abril e 18 de Maio, Henlein pronunciou 79 discursos políticos, na sua campanha eleitoral, que tiveram por resultado o voto de 60% dos eleitores alemães a favor do seu partido. Na parte alemã da Checoslováquia foi enorme o regosio, provocado pelo êxito da propaganda levada a efeito por Konrad Henlein; em milhares de janelas ardiam as candeias, houve marchas noturnas patrióticas de proporções gigantescas, à luz de milhares de archotes e sobre o perfil dos cimos das montanhas luziam fogueiras de júbilo. A vitória de Henlein provocou no Terceiro Reich confiança ilimitada neste novo "fuehrer"; fundou-se na Saxónia uma brigada de sudetas constituída por 3.000 homens devidamente armados e equipados e em Dresden fundou-se igualmente uma sede militar central. Esta atitude de protecção do Terceiro Reich a favor dos sudetas, provocava no governo checo desconfiança a respeito do sudeta alemão Henlein, apesar das suas afirmações públicas em que havia afirmado, repetidas vezes, que o seu partido exigia uma autonomia, que não implicava separação da Checoslováquia. Mas Henlein faltava à verdade naquelas afirmações, contidas muitas vezes nos seus discursos; as suas instruções e ordens provinham de Berlim. Konrad disfarçava as suas relações com Hitler e afirmava que estas se reduziam apenas a meia dúzia de frases trocadas com o "Fuehrer" nos Jogos Olímpicos, em Berlim. Ia ainda mais longe, na chefia diplomática e subtil, do seu partido, asseverando que este era tratado na Alemanha hostilmente, por não se declarar abertamente a favor daquele país e por exercer perseguições contra os extremistas sudetas favoráveis ao seu

anschluss com a Alemanha. Nos últimos tempos, talvez já tarde de mais, os checos tentaram, tanto quanto possível, aceder a algumas das reivindicações sudetas, apesar de que não lhes será possível conceder a autonomia a uma minoria alemã.

Equivalia a entregar nas mãos dos alemães as montanhas que defendem a nação e as fronteiras difíceis de transportar da Checoslováquia.

ADOLFO BENARÚS.



Exercícios ginásticos em Praga com a assistência do Presidente Benes



Henlein discursando para os seus partidários sudetas

Um larápio é conduzido ao tribunal. O juiz interroga-o:
 — O relógio do queixoso estava preso por uma cadeia de segurança. Como se arranjou você para fazer o roubo?
 — Permita-me V. Ex.^a que lhe diga que não o posso fazer neste momento...
 — Mas porquê?
 — Porque a minha tabela de lições é de cem escudos à hora.

Um ricaço, sentindo-se doente, a altas horas da noite, mandou chamar um médico. Este, depois de ter examinado o enfermo, perguntou-lhe:
 — Já fez testamento?
 — Não.
 — Pois mande chamar o notário imediatamente e as necessárias testemunhas. E seus filhos?

— Um está em Coimbra e outro em Braga.
 — Pois telegrafe-lhes já para que venham quanto antes.

Tendo o doente dado as ordens necessárias nesse sentido, perguntou ao médico:

— Mas, doutor, não tem nenhuma esperança de salvar-me?

— Não tenho necessidade alguma de o salvar, porque o senhor está são como um pêro.

— Então para que mandou chamar os meus filhos e o notário?

— Para não ser eu o único idiota a quem o senhor fez levantar da cama a tais horas.

Durante uma das muitas escaramuças mexicanas, um padre, embora disfarçado, arriscou-se a sair à rua.

— Alto, aí! — gritaram-lhe os revolucionários — mostre cá os seus papéis.

O padre puxou da carteira e mostrou-lhes a documentação.

— Que diabo quer dizer presbítero? — pergunta um, soletrando o passaporte.

O sacerdote tremeu, mas, fazendo das fraquezas forças, respondeu:

— Presbítero quer dizer que me dedico a instalações elétricas.

— Ah! bem... Pode seguir... É que nós andamos á procura dos padres... Pode ir em paz.

Num hotel.

— V. Ex.^a deseja que o porteiro o venha acordar?

— Não. Obrigado! Eu acordo todos os dias às 7 horas da manhã.

— Então V. Ex.^a quer ter a bondade de acordar o porteiro?

Numa carruagem de comboio, uma senhora sente-se agoniada com o cheiro a suor que um indivíduo exala dos pés.

— Que horror de cheiro! O senhor não o sente? não se incomoda com ele?...

— Oh! minha senhora, estou muito costumado já. Em eu andando um bocado, é logo isto...



A esposa: — Porque estás sempre a olhar para o relógio, com tanta insistência desde que comecei a falar contigo?

O marido: — É por espírito desportivo; a vêr quem pára primeiro, se tu se o relógio...

Num escritório comercial:

— Senhor gerente, eu precisava de ser aumentado no ordenado. Casei-me há pouco.

— Sinto muito, mas a casa não é responsável pelos desastres ocorridos ao pessoal fora do serviço do escritório...

Num hotel:

Um viajante pergunta à criada:

— Tenho que tomar o comboio muito cedo. É capaz de me acordar às 5 horas?

— Sim, senhor. Basta o senhor tocar a campainha aí às quatro e meia...

Garantia.

O rapaz novo: — Eu, na verdade, não posso casar-me. Uma mulher sai sempre tão cara...

O mais velho: — Sim... mas repare que dura muito...

Aquele sujeito gordo é um grande capitalista...

— Como sabes tu isso?

— Porque foi êle o meu primeiro marido... Divorciamo-nos...

— Ah!... Então o melhor é dizeres: Foi um grande capitalista!...

O Garcia vai, com a mulher, dar um passeio de bote. Ao chegar à Cruz Quebrada tenta saltar para as rochas, das quais o barco ficou um nadinha afastado.

— Tem cuidado — grita a esposa — Olha que aqui é muito fundo!

— Não há perigo, Leonor — respondeu herôicamente o marido.

E vai para saltar, mas a consorte agarra-lhe nas abas do casaco e diz-lhe, cheia de prudência:

— Sim... sim... dizes a tudo que não há perigo, mas nunca se sabe. Deixa-me cá ficar o relógio e a carteira, anda!

Numa rua solitária de Nova-York dois malfeteiros assaltaram um indivíduo que opôs uma tal resistência, que os dois mariolas chegaram a lamentar a escolha de uma vítima tão recalcitrante.

Por último, conseguindo dominá-lo, revistaram-lhe as algibeiras, encontrando-lhe apenas duas pobres moedas de cobre.

— Antes assim! — disse um dos assaltantes dando um suspiro.

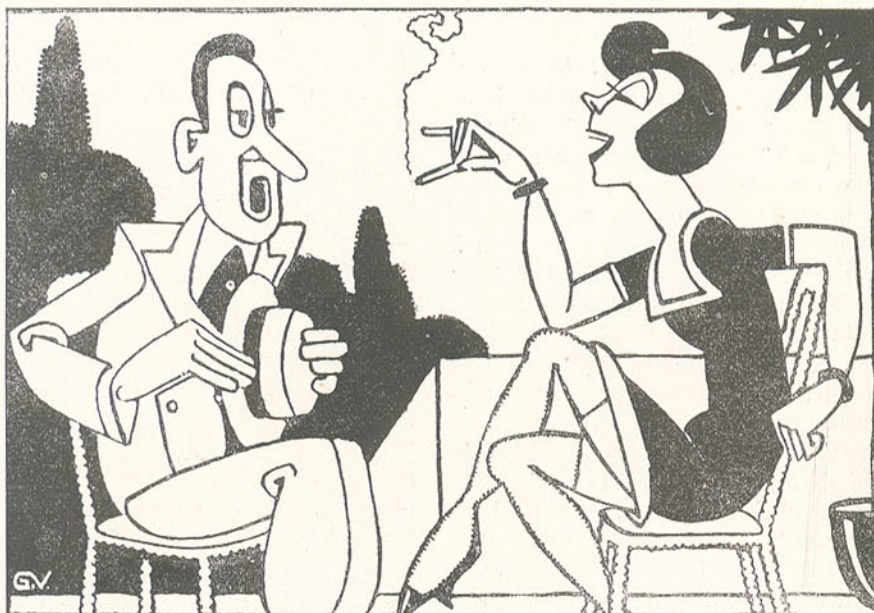
— Porquê? — perguntou o outro.

— Porque se êle traz com êle cem dólares, por exemplo, tinha-nos deixado sem consêrto.

— A que horas passa o comboio para Lisboa?

— Daqui a meia hora.

— Muito obrigado. Era só para saber se teria tempo bastante para atravessar a linha...



— Julga que a mamã me recusará a sua mão?
 — Seria você o primeiro a quem a recusava!...

A TORTURA DE AMAR



TEMA eterno, tema que há de apaixonar sempre a opinião pública, que há de sempre vencer, em interesse, as mais momentosas questões, o amor é o rei do mundo, o soberano mais tirano, que acorrenta almas e agrilha corpos. Ao seu séquito de corações escorrendo o sangue das desilusões, e de nervos exacerbados que novos gosos sonhados e que nem sempre a realidade corôa com o êxito da vitória.

Em tôda a parte o amor faz estragos, deita abaixo castelos de ilusões e arruína a mais sumptuosa felicidade.

Porque não se pense que o amor faz alguém feliz. O amor — aquêl amor verdadeiro que toma o coração e os sentidos, que enche a alma de júbilos e o corpo de arrepios febris, não se dá com a alegria, não sabe rir ou ri por entre lágrimas.

O amor é triste, porque pensa constantemente no objecto de seus cuidados, porque receia perdê-lo e porque não quer repartir com ninguém os carinhos do seu eleito — que quando êle se manifesta em tôda a sua pujança o amor exerce igual acção nos dois sexos.

O homem, por mais forte, também não está livre dos seus receios e das suas dúvidas.

Mas é facto indiscutível que a mulher, sendo mais impulsiva e mais egoísta no seu sentimento, sofre mais intensamente.

Que para dizer a verdade — e eu gosto de ser sempre sincera e verdadeira em tudo que escrevo e digo — para dizer a

verdade tôda, talvez que não seja bem assim como o deixei escrito.

Talvez que o homem sofra tão intensamente como nós mulheres, mas tenha mais força para esconder o seu tormento ou saiba disfarçá-lo numa ironia ou numa indiferença fingida.

Nós é que não podemos fazer isso, temos que desabafar, gritar para aliviar a nossa dor, o nosso desencanto, quando no nosso próprio interesse, para saber mais, para chegarmos á confirmação das nossas suspeitas, devíamos esconder o nosso jôgo e aparentar tranqüillidade em bora dentro em nosso peito estalasse a tempestade de revolta e indignação por nos vermos traídas — o nosso amor estilhaçado pelas mãos do dono dos nossos anseios.

Mas vão lá dizer isto á esposa que desconfia que o marido a troca por outra, que as suas ausências não têm a causa que êle lhe quer fazer acreditar, que ali andam outros olhos a estonteá-lo, e que outra boca anda rondando a sua boca, que a sua dose de ventura lhe vai ser cercada, em proveito da intrusa que entra na sua vida vestindo-lhe de luto o coração.

Isso sim. Não pode conter-se, por mais que queira e tente ser forte, disfarçando a sua mágoa.

No seu olhar há chispas de desespêro, na sua voz mal segura treme a indignação e soluços se lhe afogam na garganta

Se êle lhe pergunta o que tem, porque se apresenta assim transtornada, ela, então, explode, não consegue manter-se na linha de conduta que tinha prometido a si própria antes dêle chegar, e saem as imprecações, gritam as suspeitas, desenha-se quási a certeza, e há ameaças de escândalo próximo.

O homem protesta, nega, zanga-se, fica de atalaia, e no seu íntimo pensa logo em não ser tão imprudente, em refrear o seu génio leviano, em ter mais cuidado para a outra vez.

Porque a mulher diz-lhe logo também que foi uma certa amiga que o encontrou na rua ou num café com outra — uma imprudência que um homem casado deve evitar, mas não evita.

E assim procedendo, dizendo tudo quanto sabe ou quanto lhe disseram já, a esposa enganada, perde tôdas as probabilidades de vir a ter a certeza da sua desventura.

E êsse seu mal de não saber guardar nada, de ter que explodir por força, é o seu bem, afinal.

Que ganharia ela em certificar-se? Uma dor maior — a dôr da certeza, uma perda mais dolorosa — a perda da esperança de que talvez não seja verdade o que dizem, que êle lhe quer sempre tão profundamente como no primeiro dia em que ela lhe ofertou o seu corpo virgem, e a sua alma, nunca até ali experimentada pelas setas do amor.

E não é melhor assim? A dúvida faz sofrer, mas tem momentos de paz.

A certeza mata em nós todos as ilusões, todos os entusiasmos.

Eu sei duma mulher a quem o marido confessou a sua traição duma noite.

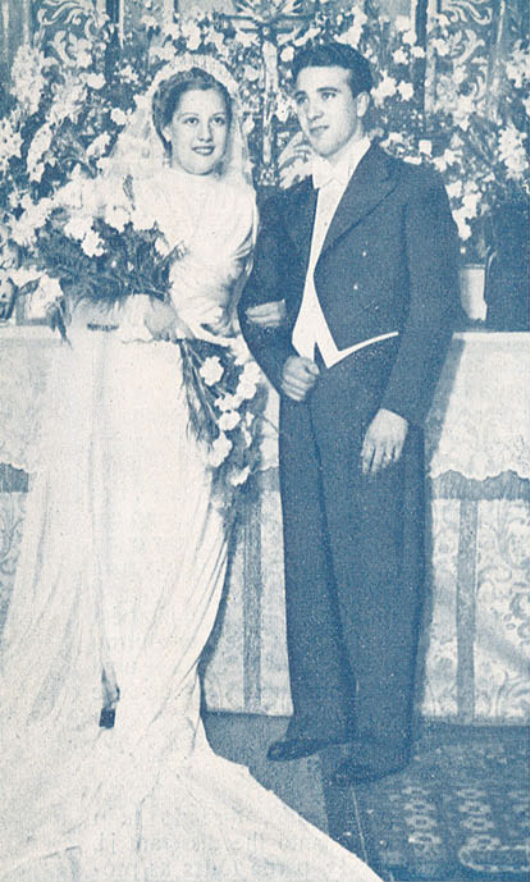
Ela, inquisitorialmente, como um juiz habilidoso, escondendo o seu pesar, fez-lhe contar tudo, quiz saber pormenores, pequenas minúcias.

Ele falava, e a cada palavra sua, essa mulher sentia como que um punhal a revolver-lhe a ferida do seu ciúme, a rasgá-la mais, a fazê-la descer ao inferno de amarguras que nunca tinha imaginado sequer.

Quantas vezes vos tenho gritado, minhas pobres irmãs, na tortura de amar, que não queirais saber, que guardeis a dúvida que é ainda suportável, que fecheis os olhos ás loucuras aos deslizes do vosso amado, que mesmo traíndo-vos pode ainda ser sincero nos seus enlances e nos beijos que vos der?

Custa a crer, e custa ainda mais a suportar, mas é assim a vida. Um homem para um só amor... Vã quimera!... Sonho de que é melhor não acordar...

MERCEDES BLASCO



A sr.^a D. Maria Augusta Damas Móra e o sr. José António Pinto, por ocasião do seu casamento celebrado em capela armada na elegante residência dos pais da noiva

(Fot. Universal)

Praias e águas

A vida nas praias e estações de águas vai animando. Domina pelas diversões, o Estoril, não só pelo conforto que oferece, como ainda pela sua excepcional situação.

No *Palace de Vidago*, já se encontram entre outros, os srs.:

Eng. Rodrigo Severiano Monteiro e esposa; D. Margarida de Sampaio e Melo; Manuel Alves de Freitas, esposa e família; José Teixeira Costa Bastos; Fortunato da Silva Lopes e esposa; Jorge Nunes de Matos e família; Alfredo Ferreira, esposa e filhos; D. Alice Bordalo Franco; R. B. Paten e esposa; dr. Guilhermino de Barros; Augusto Pereira Soares Gomes; D. Guilhermina Paiva; capitão Ciriaco da Costa; Ernando Borges Nogueira; Conde de Aurora; Conde de Caria e esposa; Eng. Agostinho Tavares; Benjamim Valente da Silva e família; D. Angélica Bordalo Pinheiro; Artur Kendall e esposa; D. Maria do Ceu Torres.

No *Avellames das Pedras*, os srs.:

Dr. Corato de Noronha; Joaquim Soares Gomes; Conde da Folgosa; Dr. Sales Gomes e família; Coronel Augusto da Costa Macedo e família; Joaquim de Magalhães Vilas Boas Vilar e família; Pedro Queiroz Gaivão; Dr. Alfredo Lucas e esposa; Isaac Berman e esposa; D. Madalena Casanovas.

No *Palace da Curia*, os srs.:

Mr. Crowden, esposa e filha; Agapito Serra Fernandes; D. Eleutéria da Silva Rebelo; D. Sara da Graça Carneiro; Teotónio Martins; D. Judite Tavares Prouença; Mário Conceição Amaral; D. Julieta Vieira Barbosa; Daniel Maria Vieira Barbosa; D. Maria Adelaide Pinheiro Chagas Vieira Barbosa e Francisco Pinheiro Braga; John M. Colim; Allen Aitt; Lucindo Frazão; Geo D. Jenkins; D. Maria Cláudia Vieira; Eng.^o Vaz Pinto; A. J. Melbourne e família; Vslram Nicolaes Galema e esposa; Henrique José de Mendonça; Erich Tooshe; Júlio Manahisi e esposa; Alvaro Aires de Gouveia Osório; Ministro da França; D. Maria Teresa Chagas; Condessa de Azarujinha; Dr. Augusto Camossa Saldanha; D. Margarida Vaz Monteiro Saldanha; Edmundo Leacochy; João Ferreira Bicho; António Rogado; Manuel Nicolau da Costa; D. Feli-

VIDA ELEGANTE

ciana Ribas Soares da Costa; D. Adelaide Ribas; Francisco Bastos; D. Gracinda de Menezes Delgado; G. M. Graham; Mac Lellan; Joaquim Roque da Fonseca; D. Maria José de Cordes; Manuel Ribeiro Paiva; eng.^o Jacinto Bicudo de Medeiros; Aires da Câmara; Georges Dufaur Jenkins; D. Glória Sillo Jenkins; George Enrique Jenkins; D. Matilde Sillo Toraster; Francisco António da Rosa; D. Leonor Ferreira da Rosa; Edmundo Correia Lopes; António de Seabra e família; Cónego Rafael David.

Festas de caridade

No CONDES

A favor de uma família que luta com verdadeiras dificuldades, foi levada a efeito no Cinema Condes, por uma comissão de senhoras da nossa melhor sociedade, da qual faziam parte D. Ana Ahrens Teixeira Cais Esteves, D. Heleixa da Costa Morais D. Laura Teixeira Gilbert, D. Leonitina Cabral Hogan, D. Luiza Maria Ferreira Cardoso, D. Mafalda Vieira da Rocha, D. Maria Inocência Teixeira, Dr.^a D. Maria João Lopes do Paço, D. Maria Leopoldina Melo e Castro Cabral e Dr.^a D. Sara Beirão, na tarde de sábado 9 de Julho último, uma interessante festa de caridade, que constou de cinema e variedades, deixando o programa a melhor impressão na selecta assistência, que ali concorreu.

A comissão organizadora deve decerto ter ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos, tanto financeiro, como mundano.

Casamentos

Celebrou-se em capela armada na elegante residência da sr.^a D. Amélia Marques Damas Móra e do sr. Augusto Damas Móra, a cerimónia do casamento de sua gentil filha D. Maria Augusta, com o sr. José António Pinto.

Fôram madrinhas a mãe da noiva e a sr.^a D. Alda Lopes, e padrinhos o pai da noiva e o sr. Manuel Domingos Lopes, tendo servido de «damas de honor» as sr.^{as} D. Maria Amélia Damas Móra, D. Amélia de Andrade, D. Celeste Móra, D. Irene Martins, D. Maria Cordeiro, D. Amélia Ferreira, D. Margarida Faria, D. Fernanda Ferreira, D. Noémia Damas Móra, D. Mercêdes Pedro e D. Maria Armando Móra.

Terminada a cerimónia, foi servido no salão de mesa um finíssimo lanche, seguindo os noivos, a quem fôram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, para o norte, passar a lua de mel.

— Presidido pelo reverendo monsenhor Gonçalo Nogueira, prior de Santa Maria de Belém, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, celebrou-se na paróquia de Santa Isabel, o casamento da sr.^a D. Maria Margarida de Bettencourt Moreira de Carvalho, gentil filha da sr.^a D. Fernanda de Bettencourt Moreira de Carvalho e do ilustre clinico e nosso querido amigo sr. dr. Jaime Moreira de Carvalho, com o distinto engenheiro sr. António Vecchi Pinto Coelho, filho da sr.^a D. Maria Tereza Vecchi Pinto Coelho e do também nosso presado amigo o ilustre advogado sr. dr. Carlos Zeferino Viana Pinto Coelho. Fôram madrinhas da noiva as sr.^{as} D. Ana Santos Moreira de Carvalho, e viscondessa de Coruche (D. Maria), respectivamente avó paterna e tia materna, e padrinhos do noivo os srs. dr. Domingos Pinto Coelho, e Rui Rebelo de Andrade, respectivamente avó e tio. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Terminada a cerimónia, durante a qual foram executados sob a direcção do notavel professor sr. Eduardo Liberio, no órgão e no violino, varios trechos de musica sacra, respectivamente pelos srs. Jorge de Serpa Pinto Santos Moreira e professor Manuel Lima, foi servido na elegante residencia dos pais da noiva, á rua de Santana, á Lapa, um finíssimo lanche.

Os noivos, a quem foram oferecidas grande numero de artísticas e valiosas prendas, partiram para as propriedades dos pais da noiva, na Anadia, onde fôram passar a lua de mel, seguindo dali para digressão pela Itália.

— Na paróquia de S. Mamede, celebrou-se com muita intimidade, o casamento da sr.^a D. Maria Helena Corrêa Mendes Lira, interessante filha da sr.^a D. Estefânia Mendes Lira e do sr. João Corrêa Mendes Lira, com o sr. António Manuel dos Santos David, filho da sr.^a D. Ilda dos Santos David e do sr. Alberto José David, servindo de madrinhas as sr.^{as} D. Izabel Maria Antão Pinto, tia da noiva e D. Albertina David Martins, tia do noivo, e de padrinhos os srs. Antão Pinto, tio da noiva e Eduardo Martins, tio do noivo.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Em capela armada na residência da sr.^a D. Berta Correia de Sá e do sr. Lindolfo Sarmiento e Sá, o casamento de sua gentil filha D. Alda Maria, com o sr. Armando de Moura Coutinho de Almeida d'Eça, funcionário superior da Caixa Geral dos Depósitos, filho da sr.^a D. Francisca Margarida de Araujo Pedreira de Moura Coutinho de Almeida d'Eça e do sr. José Maria de Moura Coutinho de Almeida d'Eça, já falecidos, tendo servido de padrinhos por parte da noiva, seus tios a sr.^a D. Elmira de Sá Gouveia e o sr. Artur Vitorino e por parte do noivo seus irmãos a sr.^a D. Maria José de Moura Coutinho de Almeida d'Eça Cardoso e o sr. José Augusto Pedreira Cardoso.

Terminada a cerimónia foi servido no salão de mesa, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

— No Cartaxo, na igreja de S. Baptista, celebrou-se o casamento da sr.^a D. Clotilde Oliveira Freire, interessante filha da sr.^a D. Regina da Silva Freire e do sr. Humberto Oliveira Freire, já falecidos, servindo de padrinhos por parte da noiva seus tios a sr.^a D. Virgínia Oliveira Freire Machado e o sr. Manuel Rodrigues Machado, e por parte do noivo a sr.^a D. Judite Barbosa Colen e o sr. Raul Almeida Roque, presidindo ao acto o reverendo Luís dos Santos, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido no salão de mesa um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Em S. Sebastião da Pedreira, celebrou-se o casamento da sr.^a D. Ilda Soares Teixeira Leite, gentil filha da sr.^a D. Maria José Soares Teixeira Leite, e do sr. José Augusto Teixeira Leite, já falecido, com o sr. Felisberto Martins, filho da sr.^a D. Rosa de Faria Martins Fôram madrinhas as sr.^{as} D. Lucinda Brandão Andrade e D. Adeline Simões Nunes e padrinhos os srs. Pedro Correia Marques, chefe da redacção do nosso colega «A Voz» e dr. Simões Neves, presidindo ao acto o reverendo Manuel Vicente Rafael Gamero, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Acabada a cerimónia foi servido na elegante residência da mãe da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos a quem fôram oferecidas grande número de artísticas prendas, para o Bom Jesus do Monte, em Braga, onde fôram passar a lua de mel.

— Realizou-se o casamento da sr.^a D. Adélia da Conceição Sequeira, gentil filha da sr.^a D. Leonor da Conceição Sequeira e do sr. Guilherme Sequeira, já falecido, com o sr. Joaquim Pedrosa Rodrigues, funcionário superior da Atlantic, filho da sr.^a D. Virgínia Xavier Pedrosa Rodrigues e do sr. Joaquim Pedrosa Rodrigues, servindo de padrinhos os primos dos noivos, sr.^a D. Laura Pedrosa Rodrigues Calheiros e o sr. Ilídio da Cruz Calheiros.

Acabada a cerimónia foi servido na elegante residência dos padrinhos, um finíssimo lanche, recebendo, os noivos um grande número de artísticas prendas.

— Pela sr.^a D. Irene Katzenstein, esposa do sr. Eduardo Katzenstein, foi pedida em casamento para seu filho Heinrich, a sr.^a D. Diná Euterpe Azinhais Ferrão, interessante filha da sr.^a D. Lídia Esperança Azinhais e do major sr. Raúl Ferrão, devendo a cerimónia realizar-se ainda este ano.

D. NUNO.



THEODOR HERZL

Os últimos acontecimentos da Palestina, a onda de anti-judaísmo provocada pelo advento do nazismo, o crescente antagonismo da política ítalo-britânica, estimulado pela miragem e fixação mediterrânica, o ódio ao Velho e Novo Testamentos, personificado pela criação grotesca de um novo e pseudo-rito cristão, apregoado por Ludendorff, momentos antes da sua morte; a guerra total ao mosaísmo e ao cristianismo integral, na feliz expressão de Maritain, a "transferência" psicológica do profundo e subconsciente sentido religioso das massas, "transferência" dos ídolos primordiais de lung, têm lembrado em todo o mundo culto a extraordinária figura de Herzl, o apóstolo do sionismo, cuja morte abalou profundamente o húnus judaico.

Herzl não era um ortodoxo. A vida mundana e elegante de Viena na última metade do novecentos, a privilegiada situação literária que o seu nome gozava, a simpatia que emanava e jorrava da sua figura esguia, tinham-no afastado do sentido interior e sub-consciente da sua missão.

Então, festejado por todos os meios literários, íntimo de tódas as camadas sociais, solicitado pelos editores, director literário de um dos mais importantes jornais da velha Austria, Herzl, vagamente romântico e sentimental, discípulo de Musset e Heine, era um valor negativo para o judaísmo activo.

A sua vida unilateral, dispersa, folhetinesca, elegante passava-se em Viena ou Paris, na redacção dos jornais, nos bastidores dos teatros ou a caminho dos acontecimentos, enervado pelo sonho do triunfo e da glória.

Quando os acontecimentos prendiam a sua sensibilidade requintada — Herzl foi um dos maiores escritores alemães do século passado, — ou nas horas de repouso, consumidas na tranqüilidade do seu lar (Viena era, então, uma cidade entregue ao seu próprio sonho), nunca Herzl, escritor elegante e mundano, sentiu a necessidade de colocar em equação o problema angustioso da sua raça, o problema judaico, adormecido e quieto, quasi esquecido, até o advento da guerra de 14.

Foi numa noite, em Paris, estimulado pela notícia dos últimos pogromos, e pelo

incêndio provocado pela questão Dreyffus, vão passados muitos anos, que a dor de Israel acordou no inconsciente do apóstolo a mensagem de que era portador.

Foi extraordinário o que se passou no cérebro do elegante de Viena, crítico e ensaísta cujas palavras eram esperadas com ansiedade; no cérebro do contista austriaco cuja elegância era imitada e cujas opiniões faziam rapidamente sucesso e escola.

Durante uma noite, agitada e febril, um mundo novo cresce e se revela a seus olhos, habituados a fixar inútilmente coisas de pouca importância. Herzl, profundamente abalado, verifica pela primeira vez a existência de um mundo que os seus nervos, intoxicados pela vida elegante e fácil, não tinham adivinhado.

No fundo da sua alma de poeta e sonhador, de homem e de santo, alguma coisa de novo toma vulto, e cresce, e existe, e enche, e domina sua sensibilidade, o seu corpo, os seus nervos, o meridiano da sua vida.

Tudo o que o rodeia, tudo quanto existiu a seu lado, tudo quanto foi ontem na sua existência abalada, sonhos, lar, tranqüilidade, sucesso fácil, estímulos repetidos, tudo quanto foi realidade, vida vivida, desaparece por encanto.

Os olhos de Herzl, olhos de águia debruçados sobre o abismo, vencidos por êle, só vêem, de uma ponta à outra da terra, grilhetas, aqui e acolá, nos Carpatos, nas estepas russas e nas planícies da Argentina, nas aldeias da Georgia e nos ghettos malditos da Polónia, nas ruas de Roma e nos desertos inóspitos da Pales-

tina, sobre a terra, ou nos porões dos navios, judeus que sofrem, rolando eternamente o seu destino, a um passo povo eleito e povo escravo, pagando com o próprio sangue a glória da eleição divina.

Grilhetas! Grilhetas que sofrem e reprimem seus gritos de revolta e dor. Quando Herzl, na penumbra do seu quarto de Paris, cerra os olhos e entende a visão composta pelo inconsciente, seu corpo débil e esguio estremece de terror.

Então, animado por oculta força, compõe o *Estado Judaico* — Palestina, Ganda, desertos ou terras do inferno? —, livro que os judeus não compreendem e recebem sobressaltados e receosos, temendo novos pogromos, o desencadeamento de uma luta sem tréguas ou o aparecimento de novos e virulentos focos de anti-judaísmo.

Os judeus ortodoxos, amarrados pelo fatalismo ao ritmo monótono das orações; os judeus ortodoxos de Paris, Varsóvia, de Londres e de Jerusalém, olhos macecados pela contemplação divina ou pela visão cotidiana dos grandes livros sagrados, condenam e combatem o novo apóstolo, apontam o seu nome às massas transviadas e dizem ser a Palestina promessa divina, eterno muro das lamentações, cuja realidade a vontade do homem seria incapaz de trabalhar e conquistar.

O opúsculo de Herzl, dividido em duas partes, a exposição e crítica do problema e a solução do mesmo, é calmo e sereno, claro, límpido, sem frases declamatórias ou exaltadas, prudente, profundo, adivinhando-se na sua leitura a mão forte que o traçou e o cérebro equilibrado que o concebeu.

Este folheto caiu em Viena como uma granada de mão, estilhando o escritor e a obra.

Nunca outro homem, alpendurado no sentido apurado da crítica, conseguira situação idêntica à que Herzl gozava na capital do Império.

Seu prestígio era tão grande que uma frase sua, embutida num dos folhetins, lançara um dos maiores escritores do nosso tempo: Stefan Zweig.

O folheto de Herzl tudo destruiu, apagando para sempre sua personalidade forte de escritor, o contista, o novelista e o ensaísta, reduzindo a cinzas todo o pres-

Selos com as efígies de N. Bialik, poeta nacional judaico e T. Herzl, fundador do judaísmo político

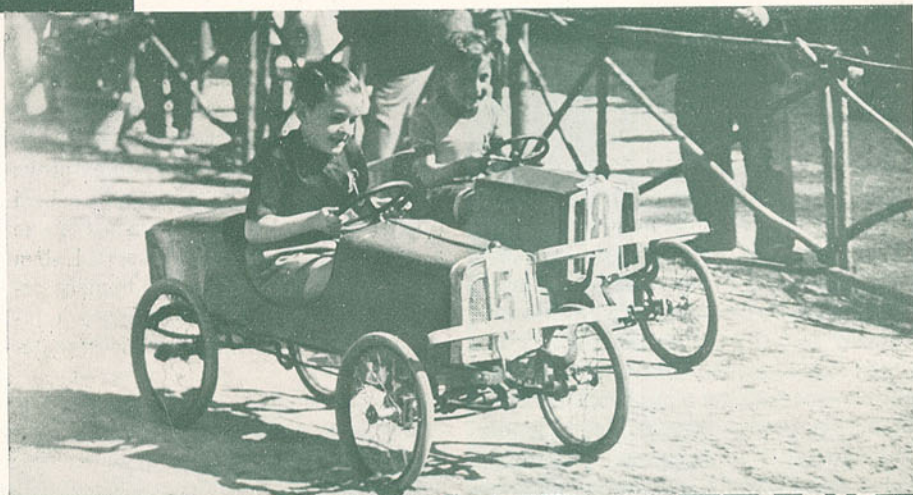


CRIANÇAS ITALIANAS



Um aspecto da assistência a uma corrida de automóveis infantis na Praça de Siena em Roma, vendo-se, da esquerda para a direita, Romano e Ana Maria Mossolini, a condessa e o conde Ciano

A Itália, como se vê, prepara os seus volantes à nascença. As gravuras que enfeitam esta página mostram os concorrentes à interessante prova realizada na praça de Siena em Roma, tendo saído vencedor o menino Fabrizio Ciano. É assim que se formam os grandes homens habituando-os desde a mais tenra idade às mais difíceis provas. Razão tem o povo no seu infalível rifão: «de pequenino é que se torce o pepino». Tem-se dito que Mussolini criou uma mística que, dia a dia, mais se enraíza na alma dos italianos de todas as idades. Assim é. Graças a essa mística, os corações italianos batem em unísono, no desejo ardente de bem servir à sua pátria. Por isso, a doce frase do Rabbi: «Deixai vir a mim os pequeninos!» pode ser tomada em dois sentidos enternecedores





Três das melhores nadadoras portuguesas, Silvéia Vieira Alves, Maria Luísa Maria Pereira e Maria Gouveias, que nos Campeonatos de Lisboa alcançaram notáveis resultados

DENTRO de poucos dias terá início a sétima Volta a Portugal em bicicleta, a grande competição que o público desportivo do país espera há dois anos com mantido interesse.

A Volta é o auge preferido que estimula durante duas semanas, dia a dia, o apetite voraz dos apaixonados do desporto, durante este período calmoso em que lhes falta o habitual prato de resistência das competições oficiais de foot-ball.

Acompanhámos as quatro últimas provas, e tentamos seguir na caravana daquela que começa na sexta-feira próxima; por isto nos sobeja experiência para afirmar que nenhum outro acontecimento desportivo prende tanto a atenção do público português ou consegue interessar pelos seus episódios tão grande número de pessoas.

Em regra geral, os principais factos da vida desportiva nacional têm por cenário o recinto do estádio e por espectadores os habitantes duma grande cidade; a provincia conhece-os de longe, pelos relatos orais da radio-telefonía ou pelas descrições escritas na imprensa e a única prova de grande envergadura que pode aspirar a ver directamente é a Volta, corrida magnífica cuja pista se desenrola através as regiões pitorescas de todo o território português. Por isso ela é querida, ansiosamente esperada de ano para ano, e a sua falta deixa uma lacuna que nenhuma outra organização é capaz de preencher. A prova deste ano, seguindo os moldes gerais clássicos, demorará dois dias mais do que as organizadas em 1934 e 1935, seguindo ao norte do país um itinerário

caprichoso e zigzagueante para obedecer à conveniência de fixar num domingo a chegada ao Pôrto. Esta decisão torna particularmente difíceis as caminhadas nesse troço do percurso, pois três vezes serão os corredores obrigados a atravessar o Marão e as serranias de Traz-os-Montes, de Vila Real para o Pôrto, de Fafe para Chaves e desta cidade para Guimarães.

Os clubes de Lisboa inscreveram todos os seus ciclistas, aos quais vêm juntar-se ainda os principais corredores da provincia, reunidos em categoria separada. Entre os que partem figuram três dos quatro antigos vencedores da Volta, José Maria Nicolau, César Luís e Alfredo Trindade, faltando apenas António Augusto de Carvalho que se encontra afastado há bastante tempo das lides desportivas.

Dos quarenta e cinco atletas que inauguram na Cova da Piedade o circuito a Portugal, nenhum parte, por certo, sem levar escondido no íntimo pensamento, mais ou menos fundamentada, a esperança do triunfo que é a razão de ser das competições desportivas onde não existem, ou não devem existir, os vencidos antecipados. Entre eles, alguns ficarão pelo caminho e a outros se encarregarão os factos de rapidamente desiludir.

Nunca é possível, tamanhas e tão diversas são as contingências duma prova ciclista em estrada, prever a quem caberá a vitória; no entanto, admirar-nos-ia que a camisola amarela não chegasse a Lisboa envergada por um dos três homens seguintes: Felipe de Melo, Alfredo Trindade, César Luís, cuja forma física se de-

A QUINZENA DESPORTIVA

monstrou excelente na dura corrida das 24 horas, organizada na pista do Lumiar.

E se nenhum deles vencer, que caiba sempre essa glória ao mais forte, sem pesar na decisão do destino o golpe da fatalidade.

Morreu em Paris, inesperadamente para o grande público que desconhecia a gravidade do seu estado de saúde, a célebre jogadora de ténis Suzanne Lenglen. Contava apenas 39 anos de idade.

Suzanne Lenglen passára ao profissionalismo em 1926 e consagrava agora toda a sua actividade ao ensino infantil do ténis, dirigindo em Paris uma escola reputada pelos excelentes resultados obtidos.

A sua carreira desportiva, incomparável na especialidade, começara aos 13 anos e no ano seguinte ganhava o primeiro campeonato de França, em pares mixtos dois anos depois o primeiro campeonato do mundo em prova singular.

Interrompida a sua actividade durante a guerra, recomeçou em 1919 a jogar, inscrevendo-se pela primeira vez nos torneios de Wimbledon onde conquistou a vitória na prova principal e, ao mesmo tempo, a admiração e simpatia dos ingleses.

Durante os treze anos que durou a sua prática como amadora, uma amadora que fazia pagar por bom preço a sua colaboração, a famosa M.^{lle} Lenglen al-

cançou 15 títulos em Wimbledon, 3 títulos olímpicos, 10 campeonatos do mundo e 19 campeonatos de França.

O último grande encontro que disputou teve lugar em Cannes, em 1926, e foi sua adversária a americana Helen Wills, campeã do seu país e reputada como a maior revelação do ténis da época; depois de luta renhida, em que poz em foco todo o seu saber e inextinguíveis aptidões, Suzanne ganhou a partida por 6-3, 8-6.

Meses depois passava ao profissionalismo, tentada pelas propostas vindas dos Estados Unidos, deixando nas mãos da própria Helen Wills a supremacia incontestada do ténis feminino.

Nada há, no mundo, mais admirável do que os resultados do espírito inventivo dos homens; para ele não existem impossíveis, e à força de estudo e de trabalho imprime ao progresso tão vertiginosa marcha, que mal tempo para apreciar o valor dum feito e já outro maior o amsesquinhou no conceito da crítica.

No campo desportivo, a aviação, o mais moderno dos meios de locomoção improvisados pelos homens, traz-nos constantes surpresas a fundamentar as considerações precedentes.

Embora não seja possível estabelecer comparações entre viagens de características diversas, o confronto entre os tempos da recente viagem da volta ao mundo realizada pelo americano milionário Howard Hughes e os das precedentes viagens dos seus compatriotas Lindberg e Wiley Post, é flagrantemente expressivo.

Não esqueçamos que estes dois eram

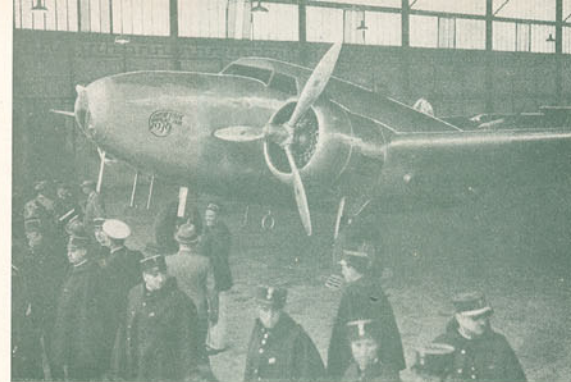
únicos passageiros do seu avião, ao passo que Hughes trazia consigo quatro passageiros; mesmo assim, Lindberg gastou 33 horas 27 minutos desde Nova York a Paris e Hughes apenas 16 horas 35 minutos, Wiley Post percorreu o círculo norte continental em 7 dias, 18 horas e 50 minutos e agora o seu imitador precisou só 3 dias 19 horas e 16 minutos!

Onde ficam as ousadas antecipações de Júlio Verne, com a sua volta ao mundo em oitenta dias.

O avião bimotor de Hughes percorreu 23.000 quilómetros na média comercial de 254 quilómetros-horários, mas, tendo perdido em demoras de aterragens 19 horas e 17 minutos, a velocidade média real de voo foi de 320 quilómetros por hora.

A equipagem safu de Nova York às 0 h. 20 m. do dia doze de julho, chegando a Paris às quatro e meia da tarde; uma avaria no avião forçou a paragem até à 1 hora da madrugada de 12, prosseguindo então viagem para Moscovo, onde aterrou às 10 horas, e para Omsk, onde desceu às 20 horas.

Às dez da manhã do dia seguinte os viajantes estavam em Vatkurst e à uma da madrugada de 14 de julho, em Fairbanks, de novo, no continente americano; a travessia do continente até ao ponto de partida demorou 17 horas, com descida em Minneapolis para reabastecimento de



O avião em que Howard Hughes deu a volta ao mundo em três dias e meio, guardado pela polícia durante a sua escala em Paris

gasolina. O aspecto mais notável desta proeza, e que a distingue em absoluto das suas antecessoras é a segurança e regularidade com que foi concluída num avião de tipo comercial e tripulado por equipagem completa. Lindberg e Post haviam conseguido feitos individuais, onde a coragem e resistência do homem mais sobressaíam do que o merecimento do aparelho.

Na viagem de Hughes, a conclusão é exactamente oposta e por isso nos abre vastos horizontes práticos para a futura utilização dos aeroplanos de passageiros.

Estamos no período mais intenso da actividade da natção desportiva, e registam-se com agrado assinalados progressos nos resultados dos especialistas portugueses; os tempos mínimos nacionais são, com frequência, melhorados e a média dos participantes revela-se bastante superior de ano para ano.

Infelizmente continúa a manter-se a escassez de participantes, e o regozijo provocado pela melhoria dos "ases" não basta para nos fazer esquecer o fracasso da propaganda em expansão do mais util e agradável dos exercícios desportivos.

A respectiva Federação tem empregado nesse sentido os mais louváveis esforços, mas talvez tenha esquecido empregar alguns meios que muito auxiliariam a sua missão e cujo objectivo seria popularizar o hábito de nadar.

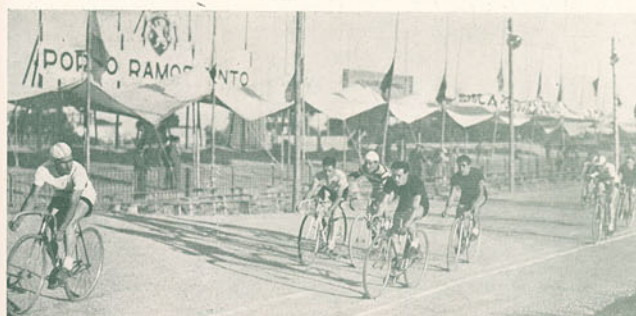
Seria oportuno experimentar, neste sentido, a criação duma insignia de nadador, concedida anualmente num grande festival popular a todos os indivíduos que percorressem determinada distância em tempo pre-estabelecido, uma e outra variáveis para as diferentes categorias, infantil, feminina, adultos ou veteranos.

O êxito da iniciativa não deve oferecer dúvidas a ninguém.

SALAZAR CARREIRA.



Na corrida de 60 metros dos Campeonatos Femininos de Lisboa, a belenense Lucília Silva obteve nítida vitória



Um aspecto da corrida das 24 horas, disputada com grande êxito na pista do Lumiar, no momento em que se revezavam Alfredo Trindade e Helder Rodrigues os dois heróis da prova

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Jaime Seguíer (ilustrado); Povo; Cândido de Figueiredo, grande e pequena edição. Simões da Fonseca (pequeno); H. Brunswick (língua e antiga linguagem); Francisco de Almeida e H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.^a ed.; Fonseca & Roquette (Sinónimos e língua); F. Torrinha; A. Coimbra; Moreno; Ligorre; Mitologia de J. S. Bandeira; Dic. de Mitologia de Chompré; Rifoneiro de Pedro Chaves; Adágios de António Delicado; Dic. de Máximas e Adágios de Rebelo Hespanha; Lusíadas; Dicionário de nomes próprios de S. Pacheco.

RESULTADOS DO N.º 10

(6.º NÚMERO DO TORNEIO)

Decifradores (16 pontos)

Sol de Inverno, Ramon Lágrimas, Mirna, Infante e Alfa-Rómeo — 15. Agásio — 14. Fra-Diávolo, Matina, Larabastro, Diriso e Dama Negra — 12. M. A. P. M., Ti-Beado, Francisco J. Courelas, Sevla e Tarata — 10. Barão Y — 11. Visconde X — 10.

DECIFRAÇÕES

1 — Sombrios. 2 — Mão-ladrado. 3 — Válido. 4 — Varredeira. 5 — Baniãna. 6 — Prólogo. 7 — Fadário. 8 — Altanada. 9 — Frenesi. 10 — Pa(dras)to. 11 — Ri(ca)ço. 12 — Ca(chil)ras. 13 — Pa(to)lla. 14 — Harpagão. 15 — Coração. 16 — Nobres vilas de novo edificou, fortalezas, castelos mui seguros.

PRÉMIOS

Recebemos mais os seguintes prémios destinados aos produtores de logogrifos classificados, respectivamente, em 3.º e 4.º lugares:

Dicionário de A. Coimbra, 1.º ex.; oferta do autor.

De noite todos os galos são pardos, de Rebelo da Silva, 1.º ex.; oferta de Infante.

Os nossos agradecimentos.

RESULTADO DO CONCURSO CHARADÍSTICO

PRODUTORES

Por falta de espaço não nos é possível mencionar aqui as considerações que os confrades juizes fizeram acerca dos trabalhos de que foram encarregados de emitir o seu parecer e classificar. Limitamo-nos, por isso, a indicar os resultados a que chegaram, para efeito de conferência de prémios.

TRABALHOS EM VERSO

Logogrifos. Juiz: — «Jofralo». Classificados: — 1.º, «Olegna»; logogrifo inserto no n.º 16; 2.º, «Zé da Ponte»; logogrifo inserto no n.º 9; 3.º, «Sileno»; logogrifo inserto no n.º 9; 4.º, «Fero»; logogrifo inserto no n.º 7.

Charadas antigas. Juiz: — «Camarão». Classificados: — 1.º, «Rocambole»; charada inserta no n.º 15; 2.º, «Sileno»; charada inserta no n.º 6.

Charadas sincopadas. Juiz: — «Fero». Classificados: — 1.º, «Braz Cadunha»; charada inserta no n.º 5; 2.º, «Ramon Lágrimas»; charada inserta no n.º 12.

Enigmas em verso. Juiz: — «Barão Y». Classificados: — 1.º, «Rocambole»; enigma inserto no n.º 10; 2.º, «Adeusinho»; enigma inserto no n.º 8.

TRABALHOS EM PROSA

Charadas novíssimas. Juiz: — «Sevla». Classificados: — 1.º, «Mirones»; charada inserta no n.º 5; 2.º, «Jofralo»; charada inserta no n.º 6.

Charadas sincopadas. Juiz: — «Dama Negra». Classificados: — 1.º, «Agasio»; charada inserta no n.º 6; 2.º, «Rina»; charada inserta no n.º 9.

Charadas mefistofélicas. Juiz: — «Mirones». Classificados: — «Mirna»; charada inserta no n.º 11.

TRABALHOS DESENHADOS

Enigmas figurados e pitorescos. Juiz: — «Matina». Classificados: — 1.º, «Magnate»; figurado inserto

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 19

no n.º 14; 2.º, «Olegna»; figurado inserto no n.º 10.

Os prémios são os que constam da lista publicada no n.º 10 acrescida dos dois de que acima se faz menção. A todos os premiados as nossas calorosas felicitações.

TRABALHOS EM VERSO

CHARADAS ANTIGAS

SALDANDO CONTAS COM OS MEUS CREDORES

II

Ao confrade «Edmaro».

Agradecimento a sério... e tardio

(Quod abundat non nocet...)

1) Na praia da moda do lindo Estoril,
Eden dos toristas,
Conversa animado um grupo gentil
De jovens banhistas.

Cochicham, segredam... São casos mundanos:
É a vida alheia...

Modas... coisas próprias dos seus verdes anos...
[— 2

Sentadas na areia.

Um grupo ruído das mais azougadas
A rir, a folgar,
Dir-se-iam Sereias gentis, apostadas
Para nos tentar.

Mercê da leveza dos fatos de banho
Quantas já noivaram!
A coisa ridícula, os fatos de antanho — 2
Que a tantos lograram!

É a hora do banho. Sai duma das tendas
Um jovem casal.
Desnudos... Apenas nas partes pudendas
Um breve cendal...

10) ENIGMA FIGURADO



Albergaria-a-Velha, Biscaia

Olegna (L. A. C.)

O corpo da jovem, de linhas airozas,
É a tentação!
Desde a face, um mixto de lírio e de
[rosas,
As unhas pintadas das plantas mimo-
[sas,
Não tinha um senão!

Miravam-na os homens de olhar cubi-
[çoso,
Todo o Tamariz...

Assiste o marido (que não é cioso...)
Risonho, feliz...

Chega um componente dos Cabos do
[Mar,

E ante o desalinho

Pára estonteado!... Quer prender, multar...
Há fugas, gritinhos contra o Salazar...
Foi um borborinho!...

Lisboa Sileno

Retribuição ao presadíssimo confrade «Sileno»

2) De lágrimas nos olhos e curvada
Minha acanhada fronte sobre o chão
Venho rogar-lhe, amigo, o seu pedão
P'la «foto» que eu mandei para «A Charada».

Porém, devo dizer-lhe, camarada,
Que a «foto» causou grande sensação!
Minha criada, ao vê-la, ai-pai-Adão,
Por «Sileno» se disse apaixonada! — 4

Ébria de amor, beijou-lhe a longa trança
Do seu fulvo bigode e em tom sereno
Jurou ficar consigo na lembrança. — 2

E diz matar o bicho com veneno
Se perdida ela vir a doce esperança
De românticamente amar «Sileno»!...

Albergaria-a-Velha Olegna

SINCOPADAS

3) Isto de fazer charadas
Bem cuidadas
É preciso estar propenso;
Eu só assim, camaradas,
Me «convenço». — 3-2

Leiria Magnate (L. A. C.)

4) Ao relento já dormi,
O minha giesta em flor,
Vê tu o que já sofri,
Quanta máguia! Quanta dor!

Por isso sei, meu amor,
O que é penar e sofrer;
Inda sinto que essa dor
Habita no meu viver. — 3-2

Lisboa Adeusinho (L. A. C.)

ENIGMA

5) Se uma letra for ligada
— Mas que seja consoante —
Á medida, eis a meada
Descoberta num instante.

Não precisa de conceito
Para achar a solução;
Mas como dá-lo é preciso...
Tem a forma dum canhão.

Leiria Magnate (L. A. C.)

TRABALHOS EM PROSA

NOVÍSSIMAS

6) O maior saltador vive desvairado porque
é pessoa que só de noite sai de casa. — 1-2
Luanda Ti-Beado

7) Faz dó este empregado honrado ser desterrado
para esta terra portuguesa. 2-2.
Lisboa Mário da Silva Fernandes

8) Foi encontrado aqui um projectil que denuncia
conspiração. 1-2.
Lisboa Mirones (L. A. C.)

MEFISTOFÉLICAS

9) Pelo feitiço das palavras pronunciadas por
teus lábios é que cai no logro. (2-2) 3.
Lisboa M. A. P. M.

Toda a correspondência respeitante a esta
secção deve ser dirigida a: Isidro António Gayo,
redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º —
Lisboa.

FIGURAS E FACTOS



A princesinha Maria Pia, filha dos príncipes de Piemonte e herdeiros do trono de Itália. — A' DIREITA: um traje minhoto que o ilustre ministro de Portugal em Roma, sr. dr. Lobo de Avila Lima ofereceu à encantadora princesinha. Neste traje estão incluídas, as interessantes chinelas, as arrecadas, relicário e cordão de ouro.



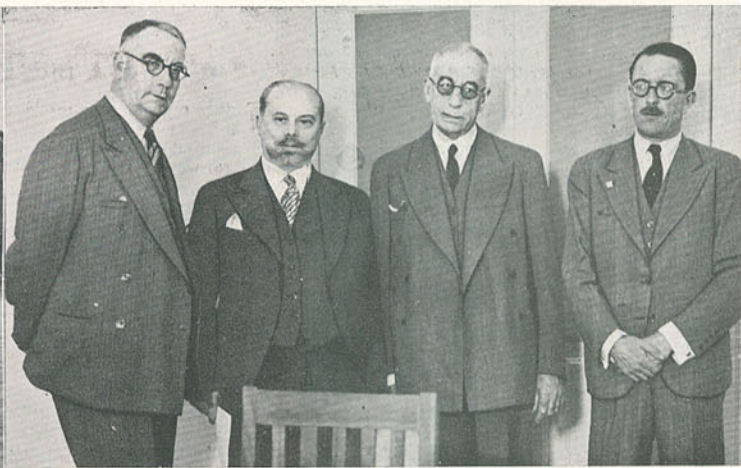
Paulo Freire publicou mais um volume sobre *Os Judeus e os protocolos de São*, obra de profundo estudo a que meteu ombros com uma tenacidade de atleta. O empreendimento é difícil, mas Paulo Freire é um vigoroso escritor.



Panorama eis o título do novo livro do dr. Manuel Anselmo... Crónicas e impressões... filigranas deliciosas que este ilustre escritor nos apresenta como verdadeiros poemas em prosa... Bocados de ouro...



José de Esaguy, o festejado autor do *Marrocos*, do *Infante Santo* e tantas obras de grande mérito teve agora a sua consagração, nessas terras adustas que o sangue português tanto engrandeceu. Luiz Jorge da Costa rende-lhe homenagem numa elegante plaquete que intitulou *Marrocos e José de Esaguy*, e em que faz o maior caloroso panegírico do moço escritor patriota.



O quadrimotor inglês «Mercury» amarrando no Tejo donde seguiu para Inglaterra, completando, com grande regularidade, uma viagem de ida e volta à América com escala pelos Açores. — À DIREITA: O ilustre professor dr. Augusto Monjardino com o Director Geral da Assistência, dr. Costa Sacadura e dr. Jorge Monjardino, pouco antes de proferir uma notável conferência na Maternidade Alfredo da Costa



A senhora que se preza, deve ser natural em tudo e nunca dar a impressão que se quer evidenciar sobretudo em coisas que a não dignificam.

A mulher portuguesa teve sempre em toda a parte e para a sua honra é uma homenagem, a fama de ser recatada.

Há anos em Juan-les-Pins, na deliciosa e elegantíssima praia da Côte-d'Azur, uma senhora portuguesa que ali gozava umas deliciosas férias, sentiu a tentação de se banhar nessas águas azuis da cor de safira e foi a uma dessas lojas que ali abundam, comprar um «maillo».

Naturalmente pediu ao dono da casa o «maillo» mais decente que tivesse na loja, não tardou este em perguntar-lhe: É espanhola ou portuguesa? «perante a sua admiração pela pergunta o negociante respondeu: «Tenho viajado muito porque a minha mulher e eu fomos artistas de variedades e fizemos algumas temporadas em Lisboa e Madrid, assim como corremos idôdas as capitais da Europa e notámos que a mulher espanhola e a portuguesa eram as mais recatadas e cuidadas».

A nossa compatriota cansada de ver tanta nudez na praia sentiu-se orgulhosa da sincera apreciação do negociante, que cuidadosamente lhe procurou um bonito «maillo» que não chocasse a sua sensibilidade.

Como é pois para desejar que a mulher por-



tuguesa conserve intacta essa sua reputação e que vivendo alegremente com despreocupação as suas horas de praia; mantenha essa linha, que a tornava conhecida na Europa.

Há pessoas que temem que essa fama represente para a mulher portuguesa um atestado de atrazada.

Neste caso esse atrazo só é honroso para a mulher que numa época de perfeito descoberto para as qualidades femininas as mantém bem altas e delas se orgulhe com justificadíssima razão.

MARIA DE EÇA.

A moda

Fresca e graciosa a moda, adapta-se às necessidades das vilegiatúras trazendo-nos graciosos modelos, que nos permitem no campo ou nas termas, embora o local exija simplicidade, essa não exclua a elegância, que uma mulher «chic» não pode dispensar.

Quanto mais simples é a «toilette» mais necessário se torna que seja graciosa e que se note no seu conjunto esse esmero que denota uma mulher cuidada e apurada, o que não quer dizer que para isso seja preciso ser uma boneca da moda, sem outro pensamento que não sejam os vestidos ou chapéus.

A mulher deve ser sempre elegante e se há senhoras que apenas vivem para serem modelos da moda, todas devem procurar apresentar-se o melhor possível de harmonia com as suas posses e sem prejudicar o orçamento familiar, mas de forma a mostrar que se cuida e apresenta de maneira a provar a consideração que lhe merecem o que a rodeiam.

Damos hoje alguns modelos muito práticos e em que as nossas leitoras se poderão inspirar.

PÁGINA S FEMININAS

Um dêles é um gracioso vestido para campo, que pode também ser usado de manhã na mais elegante cidade de termas, pois é um modelo visto em Vichy, na hora das águas.

Em linho verde claro é da maior simplicidade, todas as costuras são em fios tirados. Um estreito cinto em polimento preto e um grande laço em setim ciré preto, são a sua única guarnição e dão-lhe uma graciosa distinção.

A outra «toilette» no mesmo género é feita com uma saia em grossa «toile» beije e uma blusinha no mesmo tom, num dêses finos tecidos bordados que a Suíça nos envia. Sobre a blusinha que não tem mangas e é completamente lisa, um gracioso balero no mesmo tecido que marca a nota dominante dêste verão, todo em rendas à volta, é simples, leve e gentil.

Mas como não podemos esquecer as tardes frescas e as manhãs húmidas que em toda a parte se fazem sentir, damos um modelo dum simples casaco de malha, o alafio preferido de todas as senhoras pela sua comodidade e que se torna imprescindível.

Para a noite, para as festas de Casino, um lindo vestido em tule branco, simples e elegante que a qualquer menina favorece. Em cinco fôlas de altura graduada, guarnecidos na borda por uma fita em «glacé» a saia tem a amplidão dum vestido antigo, o que o alto «corselet» onde entra o corpo amplamente franjado mais accentua.

No peito um ramo de anemonas e um insecto de veludo preto pousado na saia dão-lhe a maior graça.

O «crochet» está em moda e não contente de invadir roupas de mesa e de cama guarnece agora os vestidos, damos uma guarnição de vestido em «crochet» e um chapelinho que são novidade e qualquer pessoa com habilidade pode executar.

Os chapéus de feltro são os usados nesta época de calor, mas não contentes com isso as elegan-

tes lançam o chapéu em crochet em lã «angorá» que é considerado da maior elegância em viagens, embora com êste calor nos deixe a cabeça a arder. Mas a moda manda e temos de nos curvar respectuosamente.

Damos um lindo modelo dum graciosíssimo êcico.

A fruta

ESTAMOS na época em que a fruta é mais deliciosa do nosso abençoado torrão. E não só como guloseima ela deve ser usada, mas também como remédio caseiro, melhor do que as da farmácia, porque não contém venenos e são mais agradáveis as frutas.

As cerejas são muito recomendáveis aos obesos e também em casos de anemia e laringite crônica e rebelde; o ribes preto eficaz em reumatismo e o medronho tem várias aplicações.

O morango tem propriedades excelentes e os doentes de reumatismo e artrismo podem usá-lo na esperança de melhorar, encontrando também os gestos lenitivos aos seus males, com o seu uso.

Foi o uso desta fruta deliciosa que deu cura a Lineu.

Trezentas gramas como dieta, ou antes das refeições são o bastante para dar efeito e nem mesmo mais se devem tomar, pois prejudicariam os doentes que tivessem essa guloseima. Todas as qualidades de maçãs são remédio para o estômago e preservam da gota, êsse flagelo da humanidade.

A pera é também muito boa mas apesar do seu sabor mais fino e mais apreciável, não pode de maneira nenhuma substituir a maçã porque não possui as mesmas qualidades. A cura pelas uvas está já muito espalhada e já Plínio e Celso nela falam. Tem êste fruto qualidades laxativas e diuréticas inegáveis, diminui o ácido úrico causador de tanto mal estar, faz segregar hiliis e é um esplêndido alimento.

Deve porém ser comido com moderação e regra certa. Não se deve comer mais de quinhentas gramas de manhã, outro tanto ao meio dia e à noite, o que perfaz quilo e meio o que já é



bastante. Quem possa deve fazer uma cura de uvas durante oito dias. É esplêndido para a saúde.

A laranja tem também excelentes propriedades e é muito usada e com a maior vantagem por todos os doentes, convalescentes e crianças que necessitam de vitaminas para o seu desenvolvimento.

Elegância segundo o clima

SÃO célebres os elegantíssimos impermeáveis que vestem a silhueta esbelta da mulher escandinava; em poucos países se vê uma tão completa escolha e uma tão grande variedade de impermeáveis.

Eles são obrigatórios, e têm portanto de ser bonitos porque em parte nenhuma do mundo a mulher renuncia a ser bonita, graciosa e elegante.

Em Bergeu uma das cidades da Noruega, e que em tempos idos já foi capital, chove sempre desde que a neve se desfaz.

É a cidade onde mais chove e quando os 100.000 habitantes de Bergeu se encontram algu-



gotas de perfume que se usa, aplicar na cara e pescoço fazendo a massagem de baixo para cima até a pele absorver, aplicar também nos braços e em toda a pele exposta. Dá ótimo resultado.

Receitas de cozinha

«Pralines parisiense»: Bater em neve quatro claras de ovo e juntar batendo com vivacidade seis «pralines» cor de rosa esmagadas e um quarto de quilo de açúcar em pó. Encher a fôrma até meio, porque o bolo cresce. A fôrma deve ser untada de manteiga derretida ou de açúcar derretido, o que os franceses chamam caramelo.

Pôr a cozer em seguida em banho-maria num forno bem quente.

Tirar da forma quente e enfiar com «pralines» esmagadas. Servir frio com um creme de baunilha.

Marmelada de maçãs «mousseline»: Descascar meia dúzia de maçãs e cozê-las em água. Quando estiverem bem cozidas escorre-las e passar na peneira.

No puré que fica deitar bastante açúcar de baunilha e juntar três ou quatro claras de ovo batidas em neve e muito açucaradas. Continuar a bater até a marmelada estar bem rija e pô-la na cometeira em pirâmide.

De mulher para mulher

Estrêla de alva: Tem muita razão e deve aproveitar a sua estada da serra para fazer um pouco de alpinismo chamemos-lhe assim embora seja talvez um pouco de exagero, para as excursões de que me fala. Claro que tem de ser com calçado próprio, mas parece exagero as calças. Com uma saia comoda deve poder fazer-lo, a não ser que esteja resolvida a fazer verdadeiras escaladas.

Curiosa: Tem razão em querer aproveitar as suas férias lendo o mais que puder, é uma distração que deixa sempre alguma coisa e que é sempre útil. Mauriac é sem dúvida um bom autor e um autor sério. Pessoalmente não gosto dos seus livros, embora esteja de acordo com as teorias que expõe. Mas é uma questão que em nada pode influir na sua opinião visto tratar-se do gosto próprio.

Violeta: Usam-se no inverno os chapéus grandes, que no verão são muito cômodos, as grandes elegantes usam já os chapéus de feltro, apesar de incômodos com o calor.

Alice: O «crochet» está muito em voga e não só se usa nas roupas de baixo e de casa, como também nos vestidos e é uma linda grunção. As frioleiras também se usam, mas não sei onde possa aprender porque é um trabalho que está hoje um pouco de parte.

PIRÂMIDE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — 8
Copas — D.
Ouros — 10, 4, 3
Paus — R. 6

Espadas — 9 **N** Espadas — D. 10, 7
Copas — 10, 7, 5 **E O** Copas — ———
Ouros — V. Ouros — 8, 6, 5
Paus — V. 9. **S** Paus — 7

Espadas — 6, 3
Copas — V. 8, 4
Ouros — A. 9
Paus — ———

Sem trunfo. **S** joga e faz 6 vasas.

(Solução do número anterior)

N joga 2 p., **S** — 6 c.
S joga 4 c., **O** faz o R. c.
(a) **O** joga 4 o., **S** faz A. o.
S joga 2 c., **N** faz vasa e joga outros dois trunfos.
E é forçado a baldar-se 3 vezes e não pode baldar-se ao R. p. porque firmava o 3 p. de **N**.
E não pode defender copas e ouros, desde que **S** se balde convenientemente, não conservando o 10 o.

(a) Se **O** não joga ouros.
O jogá 4 c., **N** faz a vasa e joga os outros dois trunfos e o problema simplifica-se.

Um marido modêlo

Num concurso de maridos organizado há bastantes anos, em Boston, o juri adjudicador dos prémios, que tinha obrigação de reparar tanto no físico, como no moral, concedeu o primeiro prémio a um cavalheiro de trinta e cinco anos, casado havia dez, As numerosas virtudes que lhe valeram a distinção foram as seguintes:

- Está de bom humor, pela manhã antes do almoço.
- Autoriza a esposa a governar as despesas da casa.
- Declara que sua mulher cosinha melhor do que sua própria mãe.
- É pontual à hora das refeições.
- É amável, tanto em sociedade como em intimidade.
- É generoso e de excelente carácter.
- Aprecia mais a sua casa do que os clubes.
- É raro sair à noite, a não ser com a esposa.

A incubação artificial teve o seu início há mais de 2.000 anos. Era praticada no Egipto e na China. Foi introduzida na Inglaterra e na França durante o século XVIII. O aperfeiçoamento das chocadeiras modernas deu-se no fim do último século.

O caminho mais curto

(Solução)

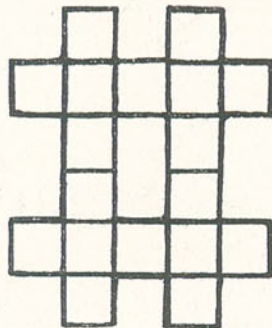
O caminho ACDEBA é o mais curto, visto consistir em dois lados curtos, duas meias diagonais e um lado comprido.

No caminho ACDBEA estão incluídos dois lados compridos, só um lado curto e duas meias diagonais.

Atribue-se aos egípcios a «honra» de serem os primeiros a cultivar a arte de imitar as pedras preciosas. A química prestou muito auxilio ás falsificações. As suas formulas primitivas ainda fornecem, em grande parte, a base para as falsificações subsequentes. No século XVII a joalheria atingiu o auge. A predilecção pelas pedrarias era intensissima. Assim pelo directorio, em França, culminou o camafeu.

Quadrados mágicos

(Problema)



Eis uma variante dos conhecidos quadrados mágicos.

Estão aqui duas séries de algarismos desde 1 até 9 inclusivé:

1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9
1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9

Trata-se de preencher os dezoito quadrados do desenho com estes algarismos, colocando um em cada quadrado por forma tal que os números nas duas filas horizontais de cinco quadrados somem em cada uma 31, e os números nas duas filas verticais de seis quadrados somem 21 em cada uma.

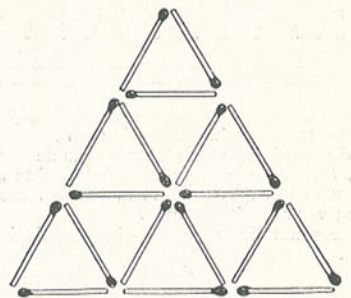
Havia, outrora, a crença de que um espirito habitava em cada arvore, mantendo-se da seiva vegetal. Supunha-se que, murmurando palavras cabalísticas sobre uma forquilha, o pau, em simpatia com os espiritos assinalaria o lugar onde houvesse algum tesouro escondido.

Assim se originaram as varas de condão, que se cortavam ás forquilhas «espiritualizadas».

As cinerarias, cuja linda flor é a alegria dos jardins sombrios, deve o seu nome á origem latina cinere (cinza), em alusão á pubescência branca que cobre as suas folhas e lhes dá, com efeito, um aspecto acinzentado.

De triângulo fazer estrêla

(Passatempo)



Disponham-se 18 fósforos de modo a formarem o triângulo que aqui se vê. Veja-se depois, se se podem mudar 6 fósforos de lugar de maneira que resulte a figura duma estrêla.

Lenda do anel de S. Marcos

Querendo S. Marcos dar aos venezianos uma prova não equívoca da afeição que lhes tinha, apareceu, um dia, com pompa, ao doge de Veneza, assegurou-o da sua protecção e deu-lhe solenemente o anel de ouro, que tinha usado quando fôra bispo.

Foi dada extrêma importância a uma reliquia tão milagrosamente obtida. Contudo, apesar de todos os cuidados e todo o aprêço que lhe ligavam, o anel de S. Marcos foi roubado, pouco tempo depois, sendo impossível reencontrá-lo. Mas, no ano de 1339, estando um dia o mar extremamente irritado, apresentaram-se três homens a um gondoleiro, que estava junto da sua gondola, procurando garanti-la da violência das ondas. Obrigaram-no a levá-los a duas milhas de ali, perto do sitio a que chamam o Lido. Logo que lá chegaram, encontraram um navio carregado de diabos que faziam extraordinárias diabruras e excitavam a tempestade. Os três homens sovaram vigorosamente os diabos e logo o temporal sossegou.

Então, o primeiro dos três, fez-se conduzir à igreja de S. Nicolau; o segundo à de S. Jorge; e o terceiro à de S. Marcos. Este último, em vez de pagar ao gondoleiro, deu-lhe um anel, com ordem de o levar ao Senado e afirmando-lhe que este não deixaria de o recompensar bem.

Declarou ainda ao gondoleiro que dos seus companheiros, o que tinha ficado em S. Nicolau era o próprio senhor S. Nicolau; que o segundo era S. Jorge; e que êle, o terceiro, era S. Marcos, em pessoa. O gondoleiro entusiasmado por tantas maravilhas, foi confiar tudo ao Senado que o acreditou, aceitou o anel e recompensou-o generosamente.



— Olá, senhor! Esse rochedo já estava ocupado por nós.
— Perdão, mas não vejo aqui roupa nenhuma.
— Está aí dentro dessa mala.

(De «London Opinion».)

Companhia de Seguros SAGRES

Sinistros pagos até 31-12-1937

Esc. 19.983.462\$61

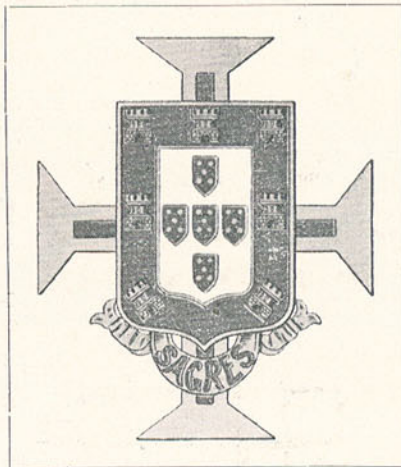
Seguros Acidentes de Trabalho

Seguros de automóveis,
Responsabilidade civil,
todos os riscos

CONSULTEM

A

SAGRES



Capital e reservas em 31-12-1937

Esc. 14.645.207\$83

Seguros Postais, Fogo,
Marítimos, Agrícolas
e Cristais

Seguros de Vida
em tôdas as modalidades

CONSULTEM

A

SAGRES

Companhia de Seguros SAGRES

RUA DO OURO, 191 — (Edifício próprio) — **Telef. 2 4171**

A Companhia mandará um empregado a quem o solicitar mesmo pelo telefone

Acaba de sair a 6.^a edição, corrigida

EDIFICAÇÕES

Pelo Eng.^o JOÃO EMÍLIO DOS SANTOS SEGURADO

Sumário: O projecto de uma casa — Distribuição interna das habitações — Ordens arquitectónicas — Arcadas, pórticos, frontões, etc.

1 vol. de 260 págs., com 221 gravuras, encad. **Esc. 17\$00**

Pelo correio, à cobrança **Esc. 19\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

75, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

**O problema da angina pectoris
O infarto do miocardio
O sindroma de Adams-Stokes**

PELO **DR. EDUARDO COELHO**
Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 × 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. **25\$00**
Pelo correio à cobrança, Esc. **27\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

À VENDA

GIL VICENTE

O AUTO DA CANANEIA

Texto princeps.

Texto modernizado. Anotações e comentários

DE AGOSTINHO DE CAMPOS
Da Academia das Ciências de Lisboa

1 volume brochado **12\$00**

Pelo correio à cobrança **13\$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, R. Garrett, 75-LISBOA

Novidade literária

RECREAÇÕES FILOLÓGICAS

POR JORGE DAUPIÁS

1 vol. de 316 págs., broc. **Esc. 12\$00**

Pelo correio à cobrança **Esc. 14\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Uma boa colecção de livros
de grandes autores
dá categoria a quem a possui

A LEITURA DELEITA E INSTRUE

VENDAS A PRESTAÇÕES

ENTREGA IMEDIATA DAS OBRAS
contra o pagamento da 1.^a prestação

A LIVRARIA BERTRAND

estabeleceu um sistema especial de vendas
que denominou

Crediário Cultural

Por este sistema,—novo processo de vendas
adoptado nalguns países da Europa e especial-
mente da América,—contribue-se para a cultura
do povo, facilitando-se a aquisição das obras
dos mais notáveis autores.

**Prestações mensais desde vinte
e cinco escudos**, segundo a importância
da compra, **sem fiador, sempre com
a bonificação do sorteio e com
direito à escolha de obras men-
cionadas em catálogo especial.**

**O comprador favorecido com
o sorteio não paga mais nada,
saldando assim a sua conta
apenas pelo que tiver pago.**

Pegam catalogos e informações á

LIVRARIA BERTRAND

A mais antiga livraria de Portugal

Rua Garrett, 73 — LISBOA

**DOCES E
COZINHADOS**

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com
351 páginas. **25\$00**

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bêbé

A arte de cuidar
do lactante

Tradução de Dr.^a Sára Be-
nollet e Dr. Edmundo Adler,
com um prefácio do Dr. L. Cas-
tro Freire e com a colaboração
do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo
volume ilustrado

6\$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**OBRAS
DE
JULIO DANTAS**

PROSA

ABELHAS DOIRADAS—(3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
—(1. ^a edição), 1 vol. br.	15\$00
ALTA RODA—(3. ^a edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII—(3. ^a edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X.—(5. ^a edição)—O que eu lhe disse das mulheres—O que lhe disse da arte—O que eu lhe disse da guerra—O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR—(3. ^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM—(5. ^o milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
CARTAS DE LONDRES—(2. ^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM—(4. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS—(2. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS—(2. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
ELES E ELAS—(4. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS—(5. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO—(1. ^a edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA—(1. ^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE—(3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO—(2. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES—(6. ^a edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR—(Confe- rências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS—(3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA—(5. ^a edição), 1 vol. Enc. 17\$50; br.	12\$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO—(Confe- rência), 1 fol.	2\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA—(Conferência), 1 fol.	1\$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00

POESIA

NADA—(3. ^a edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS—(5. ^a edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO—(2. ^a edição), 1 vol. br. ...	3\$00
CARLOTA JOAQUINA—(3. ^a edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A)—(2. ^a edição), br.	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS—(27. ^a edição), 1 vol. br.	1\$50
CRUCIFICADOS—(3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA—(5. ^a edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO—(2. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA—(3. ^a edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA—(6. ^a edição), 1 vol. br.	3\$00
1023—(3. ^a edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR—(5. ^a edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS—(3. ^a edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO—(5. ^a edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR—(2. ^a edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE—(3. ^a edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO—(10. ^a edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO—(3. ^a edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A)—(5. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
SOROR MARIANA—(4. ^a edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS—(4. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO—(3. ^a edição), 1 vol. Enc. 12\$00; br.	8\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

Venda a prestações contra entrega imediata da obra.
O cliente paga a 1.^a prestação e pode levar para casa
os 21 volumes tendo ainda a vantagem do sorteio
que lhe pode proporcionar o pagamento da obra por
uma deminuta importância



HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS
antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17^{cm.} × 26^{cm.}, 18.948 págs., 6.148 grav. e mais de 50 hors-textes

Muito bem encadernados em percalina e letras douradas

Em 20 prestações mensais de Esc. 75\$00 com resgate por sorteio mensal Esc. 1.500\$00

COMO É O SORTEIO? Os recibos das prestações com direito a sorteio levam o número da inscrição (só dois algarismos). Quem tiver o número igual aos últimos dois algarismos do número premiado com o 1.^o prémio da última lotaria do mês **NADA MAIS TERÁ QUE PAGAR** liquidando assim o débito que nessa data tiver de prestações a vencer. **ASSIM PODERÁ SALDAR O SEU DÉBITO, APENAS COM UMA OU MAIS PRESTAÇÕES** conforme a sorte bafejar o comprador. Desta vantagem **NÃO BENEFICIARÁ O COMPRADOR** que estiver em atraso de uma ou mais prestações.

Mediante pequena formalidade o comprador, apenas com o pagamento da 1.^a prestação,
pode levar a obra completa para sua casa

Peçam informações mais detalhadas à

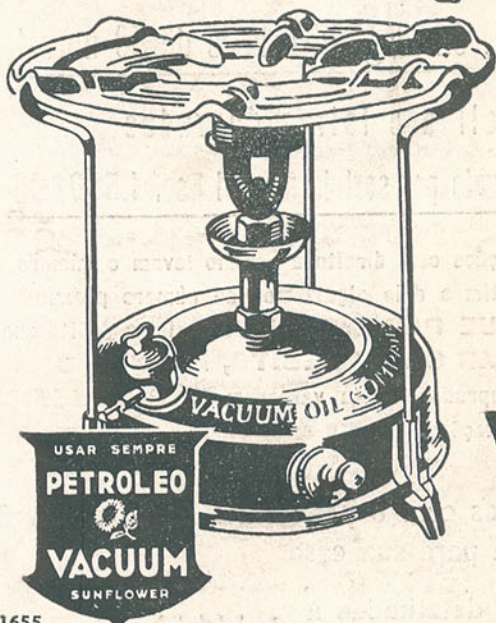
LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

*Esta cena evita-se,
com certeza!*



e evita-se adquirindo um Fogareiro Vacuum que prepara rapidamente as refeições daqueles que têm de apanhar todos os dias o comboio, a camioneta, ou o vapor a horas certas.

O Fogareiro Vacuum consome apenas 1½ decilitro de petróleo por hora.



FOGAREIROS VACUUM

Só são Fogareiros Vacuum aqueles que têm gravada a marca VACUUM